UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LUCIANO JUSTINO

CINE TEATRO PAX: UM PATRIMÔNIO CULTURAL COM HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE

PONTA GROSSA
2024

LUCIANO JUSTINO

CINE TEATRO PAX: UM PATRIMÔNIO CULTURAL COM HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do título de Bacharel em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Elizabeth Johansen

PONTA GROSSA
2024

LUCIANO JUSTINO

CINE TEATRO PAX: UM PATRIMÔNIO CULTURAL COM HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do título de Bacharel em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Ponta Grossa, de de 2024.

Profª. Drª. Elizabeth Johansen – Orientadora
Doutora em Geografia
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof.ª. Drª Rosangela Maria Silva Petuba
Doutora em História Cultural
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof.ª Drª Rosangela *Wosiack* Zulian
Doutora em História Cultural
Universidade Estadual de Ponta Grossa

O Patrimônio Cultural constitui-se de monumentos, obras de arte consagradas, pintura, escultura e arquitetura de luxo (ANTIGO CONCEITO), mas também as manifestações culturais populares, os hábitos, os usos e os costumes, as crenças, as formas de vida cotidiana da sociedade e sua memória. MEMÓRIA define o Patrimônio Cultural.

(Monastirsky, 2023)

RESUMO

O presente trabalho objetiva investigar os aspectos históricos, culturais e simbólicos que justificam o reconhecimento do Cine Teatro Pax como patrimônio cultural do Município de Ponta Grossa. Isto posto, evidencia-se que o objeto de estudo da pesquisa é o Cine Teatro Pax, porém problematizado a partir de discussões teóricas advindas do conceito de patrimônio cultural. O recorte temporal se concentra entre os anos de 1955 e 1972. O objetivo geral da pesquisa visa entender os motivos pelos quais o Cine Teatro Pax pode ser reconhecido como um patrimônio cultural, não apenas porque foi tombado pelo Conselho Municipal do Patrimonio Cultural, mas pelo que significa para quem usufruiu dele. Estruturou-se a pesquisa em capítulos, no primeiro destaca-se o papel do historiador no campo do patrimônio cultural. A seguir, no subcapítulo analisam-se conceitos essenciais para quem desenvolve pesquisas sobre patrimônio cultural tais como: história, memória, identidade, bem como o diálogo possível entre os conceitos citados. No segundo capítulo, desenvolveu-se uma contextualização da história de Ponta Grossa, porém de maneira sintética, uma vez que o tema possui vasto referencial bibliográfico. Dentro deste contexto, apresentar-se-á, a criação da Vila Ferroviária, atual Bairro de Oficinas. O terceiro capitulo, tem como ponto central, a chegada do capelão da Rede Viação Paraná Santa Catarina, Frei Elias Zulian, na região. Este sacerdote, dotado de um espírito visionário foi responsável pela construção de um projeto sócio educacional que contemplava um cinema e um teatro educativo. Já no subcapítulo, observar-se-á as estratégias adotadas para a construção do Cine Teatro Pax e os seus aspectos cotidianos. O desenvolvimento da pesquisa, aconteceu tendo por perspectiva teórica a História Cultural. Já o enfoque metodológico, se processou através da História Oral, da técnica denominada “snowball” ou bola de neve e de entrevistas semiestruturadas. Ressalta-se que a busca pela documentação histórica se deu no Museu Campos Gerais, Casa da Memória Paraná, acervo da Paróquia São Cristóvão, acervo da Escola Estadual Jesus Divino Operário e acervo pessoal das pessoas que participaram das entrevistas. Todo o material utilizado como fonte histórica, tais como: material bibliográfico, iconográfico, periódicos e entrevistas se processou através da análise de discurso permitindo a confrontação entre as bibliografias e fontes históricas.

Palavras-Chave: História. Memória. Identidade. Patrimônio Cultural. Cine Teatro Pax.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Planta da Vila Ferroviária, década de 1950..... 30

Figura 2 – Livro Ata do Instituto das Obras Assistenciais da Ordem Terceira Franciscana dos Ferroviários Paranaenses e Catarinenses, fundação da Instituição 33

Figura 3 – Esboço do projeto social e educacional do Instituto da Ordem Terceira Franciscana dos Ferroviários Paranaenses..... 34

Figura 4 – Ponta Grossa tem mais um cinema: Pax inaugurado 39

Figura 5 – Convite de inauguração do Cine Teatro Pax 43

Figura 6 – Cine “Pax” terá ar-condicionado 44

Quadro 1 – Estratégias adotadas para obtenção de recursos finaceiros e ajuda para edificação do projeto socio educacional (1955) idealizado por Frei Elias e os membros do IOTFFP.....37

Quadro 2 – Estratégias adotadas para obtenção de recursos finaceiros e ajuda para a construção do Cine teatro Pax (1961-1964) 42

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 – Interior da Oficina da RVPSC localizada na Vila Ferroviária 22

Foto 2 – Pátio de manobras da ferrovia. 28

Foto 3 – Frei Elias, ao longo do trecho da linha férrea catequizava os pais e os pequeninos, década de 1950. 32

Foto 4 – Cine São Cristóvão, inaugurado em 1º de abril de 1956. 35

Foto 5 – Interior do auditório do Cine São Cristóvão. Data da foto 1956 36

Foto 6 – Imagem do início das obras do Cine Teatro Pax em 1961.... 38

Foto 7 – Imagem aérea do Cine Teatro Pax. Sem data 41

Foto 8 – Vista do interior do Cine Teatro Pax com 970 lugares 43

Foto 9 – Sala de projeção do Cine Teatro Pax com máquinas GK 43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **9**
1 O HISTORIADOR E O CAMPO DO PATRIMÔNIO CULTURAL **15**
1.1 HISTÓRIA E MEMÓRIA 16
1.2 MEMÓRIA E IDENTIDADE 18
1.3 DIÁLOGO ENTRE MEMÓRIA, HISTÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL 20
2 OS CAMINHOS QUE LEVARAM ATÉ A CIDADE DE PONTA GROSSA **25**
2.1 A VILA FERROVIÁRIA 28
3 FREI ELIAS ZULIAN E A IDEALIZAÇÃO DO CINE TEATRO PAX **32**
3.1 A CONSTRUÇÃO DO CINE TEATRO PAX E OS SEUS ASPECTOS COTIDIANOS 36
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS **48**
5 FONTES **50**
REFERÊNCIAS **51**
APÊNDICES **54**
APÊNDECE A 55
APÊNDECE B 56
APÊNDECE C 58

Introdução

O estudo proposto objetiva investigar os aspectos históricos, culturais e simbólicos que justificam o reconhecimento do Cine Teatro Pax como Patrimônio Cultural do Munícipio de Ponta Grossa, PR. Torna-se oportuno mencionar que, o Cine Teatro Pax, no dia 19 de agosto de 2023, através de sessão pública de tombamento, tornou-se oficialmente um patrimônio cultural de Ponta Grossa.

Isto posto, evidencia-se que o objeto de estudo da pesquisa é o Cine Teatro Pax. Todavia, problematizado a partir de discussões teóricas advindas do conceito de patrimônio cultural. O recorte temporal do estudo se concentra entre os anos de 1955 e 1972. Explica-se a escolha do ano de 1955, em razão da criação do Instituto da Ordem Terceira Franciscana dos Ferroviários Paranaenses e Catarinenses (IOTFFPC) da Rede Viação Paraná Santa Catarina (RVPSC) e o ano de 1972 em virtude do arrendamento do Cine Teatro Pax pela empresa Arco Íris.

A cessão ocorreu, em razão da dificuldade de contratar novos filmes para exibição, bem como pelas inovações tecnológicas que propiciaram a popularização da televisão, o que fez com que a procura pelos cinemas diminuísse, haja vista que o público frequentador das grandes telas, segundo Antônio Túllio (2023), agora tinha a opção de assistir a sua programação do conforto de seus lares, e sem ter que pagar pela exibição.

A intenção da pesquisa do ponto de vista pessoal justifica-se pelos estudos já realizados por este acadêmico sobre o Cine Teatro Pax durante atividade avaliativa da disciplina Patrimônio II, do curso de História – Bacharelado, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Trabalho esse que despertou o interesse deste acadêmico, para realizar o estudo do histórico de imóveis localizados na cidade Princesina com potencial para receber o reconhecimento de Patrimônio Cultural após o devido processo legal pelo Conselho Municipal do Patrimônio Cultural (COMPAC).

Sob o viés da Academia, este estudo se justifica em razão da necessidade de desenvolver trabalhos ligados à temática Patrimônio Cultural, enfatizando os imóveis relacionados a história de Ponta Grossa (História Local). Logo, através da pesquisa, verificar-se-á que o monumento, a construção em si, não se trata de simples aspecto material que ocupa um determinado espaço geográfico, mas ele carrega consigo história, memória e identidade.

Neste sentido, acredita-se que a hipótese para a resolução do problema formulado na pesquisa será esclarecida quando acontecer o diálogo entre história, memória e identidade dos envolvidos na construção e uso do Cine Teatro Pax. Por sua vez, o objetivo geral da pesquisa

visa entender os motivos pelos quais o Pax tornou-se um patrimônio cultural de Ponta Grossa, não apenas porque foi tombado pelo COMPAC, mas pelo que significa para quem usufruiu dele.

E, uma vez demonstrado em torno do que se desenvolveu o estudo, a seguir estabeleceu-se os objetivos específicos, que exprimem o que se deseja em cada uma das partes do trabalho acadêmico, os quais convergem para a resolução do problema de pesquisa. Optou-se, neste primeiro momento (introdução), apenas citar os autores que possibilitaram o estudo dos referidos capítulos, no entanto, de maneira pormenorizada nas respectivas divisões, os conceitos e entendimento atinentes ao estudo estão devidamente descritos a frente.

Por esta razão, diante do exposto anteriormente, ordenou-se o trabalho em capítulos, sendo que no primeiro apresentar-se-á, os aspectos relacionados ao trabalho do historiador no campo do patrimônio cultural, para tanto delineou-se os aspectos teóricos e metodológicos para atingir a finalidade. À visto disso, o estudo do primeiro capítulo pautou-se nos seguintes autores: Burke (1992), Burke (2008), Khoury, Peixoto, Vieira (2003), Le Goff (2013), Pesavento (2004). Eles trabalham a operação historiográfica propriamente dita, apresentam a historicidade da ciência História com suas transformações no decorrer dos anos, até o surgimento da "Nova História" e da História Cultural, base teórica que orienta a presente pesquisa.

O subcapítulo que segue, tem o intuito de apresentar os conceitos de história, memória, identidade e patrimônio cultural. Primeiramente, se estabelece as relações entre história e memória com suas aproximações e comuns distanciamentos. A seguir evidencia-se a importância da memória na construção da identidade, orientou-se o estudo do referido capítulo tendo como referencial os seguintes autores: Bloch (2001), Candau (2011), Cuche (1999), Le Goff (2013), Meneses (1992), Meneses (2009), Motta (2012), Nora (1993), Pollak (1992), Prost (2009).

Na sequência do subcapítulo trabalhou-se o conceito de cultura, a seguir o de patrimônio possibilitando-se, desta maneira, o diálogo entre a história, memória, identidade e patrimônio cultural. O estudo encontrou respaldo nos seguintes autores: Aranha e Martins (1993); Barros (2003); Funari e Peligrini (2009); Johansen (2019); Laraia (1986); Meneses (2009); Nora (1993); Pollak (1992) e Thompson (1987).

Por sua vez, o segundo capítulo cujo estudo pautou-se, em Petuba (2011), Guedes e Pasquini (2019), Zulian (2018), Madalozzo (2015), Monastirski (1997) e refere-se aos aspectos econômicos do município, em específico o tropeirismo e a chegada da ferrovia e da ocupação espacial da cidade. Este último fenômeno, nos faz pensar no desenvolvimento da cidade em

direção ao Campo “Pelados”, atual Bairro de Oficinas e da criação da Vila Ferroviária. Para tanto, utilizou-se os seguintes autores para o embasamento temático: Chaves (2001), Waldmann (2020), Petuba (2011) e Larocca Junior (2016).

O terceiro capítulo apresenta-nos a trajetória do Frei Elias Zulian, o idealizador do Cine Teatro Pax. Para tanto, o estudo pautou-se nos seguintes autores: Guedes e Pasquini (2019), Rotzetter (2003), Waldmann (2020) e Zulian (2018). Por fim, o último subcapítulo visa mostrar de que maneira o Cine Teatro Pax foi construído, além de apresentar aspectos cotidianos até o seu arrendamento pela empresa Arco Íris.

Para o desenvolvimento deste subcapítulo, utilizou-se dos pressupostos defendidos por Kossoy (2001) para a análise de fotografias. Enquanto fontes, foram empregadas entrevistas semiestruturadas com pessoas que conhecem a história do Cine Teatro Pax, fontes manuscritas, a exemplo cita-se o Livro Ata das reuniões do Instituto da Ordem Terceira Franciscana dos Ferroviários Paranaenses e Catarinenses (IOTFFPC), esboço do projeto sócio educacional (1955) elaborado pelo IOTFFPC e pelo Frei Elias, notícias publicadas em periódicos, tais como: Jornal da Manhã e Diário dos Campos, e um folder com as benfeitorias realizadas pela Capelania da R.V.P.S.C. no período de sete anos de atividade.

Isto posto, se faz necessário citar que, o questionamento vem a ser a motivação para que um pesquisador se proponha a realizar um estudo sobre um determinado fenômeno, para tanto ele necessita de uma perspectiva e de um enfoque epistemológico, ou seja, precisa de uma teoria e de uma metodologia para que o trabalho adquira o status de científico, em outras palavras precisa ter um rigor teórico-metodológico. Neste sentido, o modo de conceber, pensar, pauta-se na teoria, mas para que o problema da pesquisa seja respondido, necessita-se que a teoria seja instrumentalizada, isto acontece por meio de uma metodologia, dos modos de fazer.

> A “teoria” remete a uma maneira de ver o mundo ou de compreender o campo de fenômenos que estão sendo examinados. Remete aos conceitos e categorias que serão empregados para encaminhar uma determinada leitura da realidade, à rede de elaborações já fixada por outros autores (...). Já a metodologia remete a uma determinada maneira de trabalhar algo, de eleger ou construir materiais, de extrair algo destes materiais, de se movimentar sistematicamente em torno do tema definido pelo pesquisador. **A metodologia vincula-se a ações concretas, dirigidas à resolução de um problema; mais do que ao pensamento, remete a ação**. (Barros, 2015, p. 79-80, grifo nosso).

Neste sentido, as ações direcionadas para a resolução do problema estabelecido na pesquisa se processou através da pesquisa bibliográfica, ou seja, de material já produzido por outros pesquisadores, bem como, por meio de análise de documentação histórica, a exemplo citam-se: as fontes manuscritas tais como as Atas do IOTFFPC, as iconográficas (fotografias),

os periódicos (jornais locais). No entanto, a documentação histórica que se fará primordial no desenrolar da pesquisa produzir-se-á através da História Oral[1], a partir de entrevistas com pessoas ligadas à história do Cine Teatro Pax.

Isto possibilitou a construção de uma rede de entrevistados que se desencadeou tendo por base, a técnica metodológica denominada "snowball" ou "bola de neve" (Vinuto, 2014). Ela permite que a partir de uma pessoa conhecida identifique-se mais personagens que possam contribuir para o fortalecimento da pesquisa, ou seja, ela torna-se um referencial, um elemento chave. De acordo com Vinuto (2014, p. 203):

> A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como *sementes*, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral.

Assim, trata-se de uma metodologia em que os entrevistados não são procurados ao acaso, mas a partir de características específicas que devem ser verificadas a cada momento. No processo da produção da pesquisa utilizou-se a metodologia "snowball", em virtude da dificuldade em encontrar bibliografias atinentes ao Cine Teatro Pax durante o "estado da arte", pois quando muito, apenas se referiam a ele (Cine Teatro Pax), cita-se como exemplo, a dissertação do professor Nelson Silva Junior (2008), cujo título é: O fechamento dos cinemas em Ponta Grossa: particularidades de um processo histórico–cultural.

Durante o mapeamento das obras que se referem ao tema, que se iniciou no segundo semestre de 2022, haja vista a atividade avaliativa da disciplina Patrimônio II, descobriu-se que a Igreja São Cristóvão em seus primórdios abrigou a Capelania da Rede Viação Paraná Santa Catarina, ou seja, o pontapé inicial (bibliografia) para construção da teia de contatos encaminhou-nos até o primeiro informante-chave, trata-se do padre Leonel Stanski, o pároco da referida Igreja.

Após o contato com o religioso e a devida explanação a respeito do estudo, ele indicou o segundo elemento chave para a construção da rede de referência, um senhor ferroviário[2], já

---

[1]"A História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido." (Alberti, 2021, p. 155)

[2] Durante atividade avaliativa da Disciplina Patrimônio II, da graduação em História, cujo objetivo era produzir o histórico do Cine Teatro Pax com a finalidade de compor o processo de tombamento do imóvel junto ao COMPAC, Nelson Antônio Túlio, 84 anos, Ferroviário aposentado da RFFSA que exerceu a função de gerente do Cine Teatro Pax, durante 27 anos, inclusive residindo em um dos apartamentos disponíveis no imóvel, contribuiu através de uma entrevista semiestruturada com o respectivo trabalho. Entrevista concedida no dia 27 de janeiro de 2023 em

aposentado, que na ocasião contribuiu com a atividade avaliativa relacionada a história do Pax. Tal escolha se deu em razão dele pertencer a uma família de ferroviários, ainda com parentes e colegas de profissão vivos, que além de terem convivido com Frei Elias, ajudaram na edificação do Cine Teatro Pax. Este por sua vez, indicou Sebastião Airton Túlio[3], ferroviário aposentado e primo de Nelson Antônio Túllio.

Ressalta-se que, para a utilização da técnica metodológica "snowball" ou "bola de neve", se respeitou o recorte temporal estabelecido para a pesquisa, ou seja, o ano de 1955, criação do IOTFFPC até o arrendamento do Cine Teatro Pax pela empresa Arco Íris no ano de 1972. Dessa forma, durante a realização da entrevista com o senhor Sebastião Airton Túlio, um dos questionamentos focou sobre a possibilidade de indicar mais pessoas para ampliar a construção da teia de informantes, no entanto, a resposta foi que "São a maioria tudo falecido" (Airton Túlio, 2024). Isto posto, a procura por outros ferroviários que poderiam ajudar na construção do Cine Teatro Pax através da metodologia "snowball" ou "bola de neve" cessou.

O trabalho realizado a partir da técnica "bola de neve", com o intuito de construir a rede de referência, se processou por meio da História Oral, pois ela torna-se o instrumento adequado para trabalhar-se com a História Local[4], haja vista que "Há verdades que são gravadas nas memórias das pessoas mais velhas e em mais nenhum lugar, eventos do passado que só eles podem explicar-nos, vistas sumidas que só eles podem lembrar." (Samuel, 1990, p. 230).

Deve-se ter presente que o pesquisador ao produzir a fonte histórica, a partir da História Oral, não estará menosprezando as demais fontes, mas preenchendo vazios, entendendo os silêncios, que muitas vezes os documentos escritos não contemplam as nossas expectativas com relação ao objeto de estudo. "O historiador oral pode tanto quanto qualquer outra pessoa emperrar na rotina de circularidades metodológicas e uma História local, baseada somente em evidência oral, corre tanto o risco de ser rotinizada – e radicalmente incompleta

sua residência no Bairro de Oficinas. Além desta, ajudou também com entrevistas que foram realizadas nos dias 4 de julho e 4 de setembro de 2024.

[3] Sebastião Airton Túlio, nasceu na Vila Ferroviária no ano de 1936, estudou na Escola Professor Colares e posteriormente na Escola Profissional Ferroviária Cel. Tibúrcio Cavalcanti. Ao concluir seus estudos ingressou na Rede Viação Paraná Santa Catarina (RVPSC), vindo a se aposentar após anos de dedicação à empresa. Conviveu com o Frei Elias e ajudou na edificação do Cine Teatro Pax. Concedeu entrevista no dia 28 de agosto de 2024 em sua residência no Bairro de Oficinas.

[4] "A história como conceito polissêmico, remete a dois grandes sentidos, quais sejam, a história como experiência, a história como conhecimento. O adjetivo local, por sua vez, responde por uma qualificação que estabelece a circunscrição de um lugar. Esse sentido se manifesta mais claramente no uso do verbo localizar, qual seja, situar algo em um lugar, o que, por outro lado, nos leva a uma ação. A história local é, em intrínseca complementariedade, conjunto de experiências de sujeitos em um lugar e, também, o conhecimento sobre o conjunto dessas experiências." (Gonçalves, 2007, p. 117)

(...).” (Samuel, 1990, pg. 238-239). Portanto, estar-se-á falando em complementariedade e não em desprezar essa ou aquela fonte histórica.

Ressalta-se que a busca pela documentação histórica se deu no Museu Campos Gerais (MCG), Casa da Memória Paraná (CMPR), site do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural (COMPAC), acervo da Paróquia São Cristóvão, acervo da Escola Estadual Jesus Divino Operário e do acervo pessoal das pessoas que participaram das entrevistas. Com relação às referências bibliográficas, utilizou-se para a fundamentação teórica e temática, livros, artigos, teses e dissertações, objetos de estudos realizados durante o curso da graduação em História e de indicações da professora orientadora da pesquisa. E como já mencionado, as entrevistas que aconteceram na construção do trabalho acadêmico tiveram como ponto de partida, o contato com pessoas que conhecem a história do Cine Teatro Pax.

Por fim, a leitura e estudo das bibliografias relacionadas ao Pax será complementada com as entrevistas das pessoas que tiveram a oportunidade de vivenciar o Cine Teatro Pax desde a sua idealização pelo Frei Elias, e seus companheiros ferroviários, até o arrendamento do imóvel pela Empresa Arco Íris. Já a análise do material bibliográfico, iconográfico, os periódicos e demais fontes históricas se processou a partir da análise do discurso, pois,

> O processo de análise discursiva tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais e não verbais, bastando que sua materialidade produza sentidos para interpretação; podem ser entrecruzadas com séries textuais (orais ou escritas) ou imagens (fotografias) ou linguagem corporal (dança). (Caregnato; Mutti, 2006, p. 680)

Isto ajudará inclusive, na confrontação, na “dúvida” que se impõe a toda documentação ou fonte histórica utilizada na pesquisa permitindo, o entrecruzamento entre elas. Mas vale dizer, principalmente no que se refere a História oral, que não existe o “certo” e o “errado”, haja vista que, estar-se-á trabalhando com a memória dos entrevistados, e pelo fato do ser humano ser um sujeito orgânico, consequentemente a sua memória segue a mesma lógica, ou seja, ela sofre mudanças, transformações, flutuações, não é fixa, características que serão melhor trabalhadas no próximo capítulo no qual se define as aproximações e distanciamentos entre a história e a memória.

1 O HISTORIADOR E O CAMPO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

A construção da historiografia a partir do patrimônio cultural se tornou possível, graças a historicidade da ciência história, que de um tradicionalismo pautado na história política e definida por Burke (1992, p. 10) como, "(...). 'história rankeana', (...)", viu emergir uma nova maneira de construir-se o saber histórico, que deixa de ser uma escrita baseada nos grandes feitos, nos grandes heróis, e restrita ao campo político em que os "(...) historiadores tradicionais pensam a história como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos (...)." (Burke, 192, p. 12).

A historiografia, pautada no paradigma tradicional utilizava como fonte histórica, apenas os documentos oficiais (institucionais), importante se faz registrar que de maneira alguma estar-se-á desmerecendo ou menosprezando os historiadores que adotavam o modelo de história "rankeano" de fazer a historiografia, pois como dito no parágrafo anterior, a ciência história possui a sua historicidade.

Com o passar dos anos a ciência História ampliou o seu horizonte com relação às fontes históricas e admitiu como possibilidade de interpretação do passado novas formas de captar as ações humanas as quais se incorporam ao documento escrito para lograr êxito na pesquisa. Bem como, ampliou-se o enredo das histórias. Agora o homem, sujeito do cotidiano, dos pequenos episódios da vida, passa a ser personagem, o protagonista e passa a ter visibilidade dentro da nova perspectiva historiográfica.

> A "Escola dos Annales", por exemplo, ampliou a noção de documento a partir de uma outra concepção de história. Para esses historiadores o acontecer histórico se faz a partir das ações dos homens. Daí o conhecimento se produzir "com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. Nesse caso, ao documento escrito incorporam-se outros de natureza diversa, tais como objetos, signos, paisagens etc. (Khoury, Peixoto, Vieira, 2003, p. 13).

Assim sendo, o modelo tradicional de historiografia perde força, e enfatiza-se a busca por novas fontes históricas, novos personagens, novas temáticas e a historiografia deixa de narrar cronologicamente os acontecimentos, para propor a nova história. "A nova história é a história escrita como uma reação deliberada contra o "paradigma" tradicional, (...)., começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana. A base filosófica da nova história é a idéia de que a realidade é social ou culturalmente constituída." (Burke, 1992, p. 10-11).

Pois bem, esta virada no entendimento, ou melhor dizendo, na maneira de elaborar a historiografia, permite que o pesquisador problematize o seu objeto de estudo e com a ampliação do que se entende por documento ou fonte histórica, percebe-se que ele "(...) não é mais algo que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo

relações de forças que ali detinham poder.” (Le Goff, 2013, p. 495). Ainda, no sentido de entender a história da história, percebe-se como possibilidade de domínio de trabalho para o historiador o estudo do patrimônio cultural, um fenômeno construído de maneira histórica, cultural e social.

Isto posto, a perspectiva se tornou mais palpável com a ascensão da denominada História Cultural, que enfatiza a abordagem tendo por evidência a cultura, que segundo Burke vincula-se ao que ficou conhecido como virada cultural. “Um dos aspectos mais característicos da prática da história cultural entre as décadas de 1960 e 1990 foi a virada em direção à antropologia. (...). Muitos historiadores aprenderam a usar o termo ‘cultura’ no sentido amplo.” (Burke, 2008, p. 42).

Por conseguinte, muitos historiadores, na produção historiográfica, passam a utilizar-se do conceito de cultura formulado pela Antropologia para analisar seus objetos de pesquisa. Como o caso do patrimônio cultural, que necessita ser analisado, histórica e sociologicamente, haja vista que, deve-se considerar três aspectos: quem o produziu, quem são os receptores e como esses receptores ressignificam o patrimônio cultural.

Pois, desta maneira, “Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.” (Pesavento, 2004, p. 8). Assim sendo, o campo do saber historiográfico denominado de História Cultural possibilita que o historiador analise o patrimônio cultural de maneira, histórica, antropológica e sociológica. O estudo do Cine Teatro Pax levará em consideração, tanto os aspectos históricos como as relações estabelecidas entre os idealizadores e os frequentadores, ou seja, os produtores e os personagens que recepcionaram a cultura propiciada através das ações que foram desenvolvidas no Cine Teatro Pax.

Todavia, deve-se ter presente que, a imersão do historiador no campo do patrimônio cultural nos faz lembrar que estar-se-á falando do diálogo possível entre a memória e a história do bem cultural objeto de estudo. À vista disso, objetivando-se um melhor entendimento sobre tais conceitos, os quais são considerados essenciais ao historiador que se propõe a estudar o patrimônio cultural, apresentar-se-á de maneira detalhada no subcapítulo o entendimento de autores que trabalham estes conceitos caros ao historiador.

1.1 História e memória

A palavra “história” possui vários significados e sentidos, trata-se de um vocábulo polissêmico, no entanto, referir-se-á, neste trabalho à expressão história, como um campo

específico das ciências humanas. A história, enquanto campo epistemológico das ciências humanas, se diferencia das demais em razão de que o estudo das mudanças históricas ocorridas na sociedade leva em conta o fator tempo, o que vai ao encontro com a definição de Bloch (2001, p. 55) ao definir que a história se trata da "Ciência dos homens, (...) dos homens, no tempo". Evidencia-se que Bloch ao definir o que seria história, enfatizou o diferencial da ciência história em relação às demais ciências humanas, ou seja, o quesito tempo.

E ao se falar em produção historiográfica, é possível pensarmos nos vocábulos memória e história, dois objetos essenciais para a efetivação do ofício do historiador, e qual seria a aplicabilidade deles na prática? Torna-se conveniente dizer que a história enquanto ciência necessita de vários elementos para a sua construção, sendo um deles a memória. No entanto, memória e história são objetos distintos e uma interpretação desatenta pode levar-nos ao erro, pois, facilmente entender-se-á que são coisas semelhantes, mas, não são. "Tal como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e, simultaneamente, um nível elementar de elaboração histórica." (Le Goff, 2013, p. 51).

Pois bem, observa-se que um dos denominadores comuns entre a memória e a história reside no tempo decorrido, o passado, os fatos pretéritos, mas existe um ponto essencial que distingue uma da outra, "O tempo da memória, o da lembrança, nunca pode ser inteiramente objetivado, colocado a distância, e esse aspecto fornece-lhe sua força: ele revive com uma inevitável carga afetiva." (Prost, 2009, p. 106). Sendo assim, a memória não passa por um processo investigativo, não necessita de rigor teórico metodológico como o aplicado à ciência história, mas convém dizer que a memória alimenta a história, e trata-se de um compartilhamento de vivências e experiências do passado.

Já a história por sua vez, ao realizar a análise do passado através da pesquisa e do rigor teórico metodológico afasta o aspecto emocional, aquela corporatura afetiva. De acordo com Nora, (1993, p. 9) "A história, porque operação intelectual e laicizante demanda análise e discurso crítico". Reside, pois, neste aspecto a diferenciação entre o que vem ser memória e história, em outros termos, o calor dos fatos, das emoções que envolvem os acontecimentos, deixa de existir a partir do momento em que a ciência história entra em cena instrumentalizando a memória através do rigor teórico e metodológico.

A história objetiva desconstruir a memória, colocá-la a prova, haja vista que, ao utilizar-se dela como fonte histórica, através da metodologia da História Oral, necessariamente passará pelo escrutínio dispensado a toda e qualquer documentação histórica. Inclusive, isto possibilitará que o historiador compreenda os silenciamentos e esquecimentos das narrativas

tanto orais como as escritas, pois “a história tem ainda o objetivo de denunciar e investigar os elementos que foram sublimados ou mesmo ignorados pela memória.” (Motta, 2012, p. 25)

A memória possibilita a construção de narrativas e representações, desta maneira, apesar de ser algo individual se torna válida e reconhecida ao sair da inércia, da subjetividade através do compartilhamento com outras pessoas, ou seja, trata-se de um fenômeno construído de maneira coletiva no seio da sociedade.

> A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwacbs, nos anos 20, 30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (Pollak, 1992, p. 201)

Portanto, a memória individual adquire relevância quando existe interação social, ou seja, a memória em seu estado primitivo não tem valor, precisa ser compartilhada, caso contrário vem a ser algo inerte, passivo. Necessita de pelo menos duas pessoas para que possa ser dividida e, desta maneira o lembrar “algo” transpassa a individualidade possibilitando a socialização da memória com mais pessoas.

> (...) é preciso que haja ao menos duas pessoas para que a rememoração se produza de forma socialmente apreensível. É este fenômeno da memória codividida (...) que tem relevância. Aliás, a matéria bruta da memória individual pode permanecer latente anos a fio, até que seja despertada por um interlocutor cujo papel, então, não é meramente passivo. (...). (Meneses, 1992, p. 14).

A memória carece de sociabilidade para ganhar notoriedade, ou melhor dizendo, as memórias precisam ser reavivadas, caso contrário, em seu estado bruto são apenas lembranças inanimadas e restringem-se ao indivíduo. O papel do historiador, neste sentido como interlocutor na construção do conhecimento histórico torna-se primordial. Uma vez definido e delineado as acepções dos vocábulos, história e memória, enfatizando as diferenças e semelhanças entre ambos, se torna oportuno mencionar que a memória serve de essência para outro conceito importante para o estudo do patrimônio cultural, a identidade.

1.2 Memória e identidade

O estudo sobre o Cine Teatro Pax está permeado pela memória e história de um grupo que participou ativamente da sua edificação, especificamente, trata-se dos funcionários da Rede Viação Paraná - Santa Catarina e seus familiares, membros estes que tinham seus interesses e propósitos representados pelo Instituto da Ordem Terceira Franciscana dos Ferroviários Paranaenses e Catarinenses (IOTFFPC), instituição que será trabalhada em capítulo próprio.

À vista disso, ao se falar de memórias dos personagens que vivenciaram o contexto de criação do Instituto com as suas benesses, estar-se-á falando de história, memória e identidade

de um grupo em particular, os ferroviários e seus familiares. E, ao se trabalhar a memória destes laboradores dos trilhos, através da metodologia da história oral, evidencia-se um conceito essencial para o historiador que estuda o patrimônio cultural, a identidade. Desta forma, "(...), admite-se geralmente que memória e identidade estão indissoluvelmente ligadas." (Candau, 2011, p. 10).

A memória vem a ser a base na qual se constrói a identidade, ou melhor dizendo, é o alicerce para a concepção da identidade de um grupo. "(...) A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas." (Cuche, 1999, p. 176). No presente estudo sobre o Cine Teatro Pax, a vinculação ocorre através dos objetivos e propósitos estabelecidos pelo IOTFFPC, pelas experiências vivenciadas pelos personagens que contribuíram para a edificação do Pax e as demandas sociais que os trabalhadores aspiravam.

Vale dizer, que as memórias e identidades sobre o passado edificam-se mediadas pelo discurso, ou seja, a (re)construção do passado com a junção dos fatos pretéritos e das experiências vividas acontece através da narração que as organizam e lhes atribuem significado. Assim sendo, a construção identitária atribuindo o sentimento de pertencimento resulta do ato de lembrar de *algo*, portanto, "(...) não existe um verdadeiro ato de memória que não esteja ancorado nos desafios identitários presentes" (Candau, 2011, p. 150).

Desafios que, assim como a construção da historiografia, possuem como ponto de partida questões que se originam no presente e convergem em direção ao passado. Com isso, afirma-se que "(...), a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente." (Candau, 2011, p. 19). O pesquisador deve ter presente que, o fenômeno memória, "(...) precede a construção da identidade, sendo um dos elementos essenciais da sua busca 'extrema, individual e coletiva'" (Candau, 2019, P. 18).

Desta forma, o autor enfatiza a importância da memória para a construção da identidade. Com o intuito de reforçar o valor da memória na concepção da identidade, Motta (2012, p. 25) destaca que "(...) a memória exerce um poder incomensurável na construção de uma identidade de grupo, consagrando os elementos pelos quais os indivíduos se veem como pertencentes a determinado coletivo".

No caso dos ferroviários, mencionam-se as melhorias das condições sociais tais como: educação, saúde, assistência religiosa, cinema e teatro educativo, as quais tornam-se elementos de coesão e força, isto operacionalizado pelas ações do IOTFFPC. Enfim, uma vez estabelecido as aproximações e distanciamentos entre história e memória, e a importância da memória na

construção da identidade, torna-se possível estabelecer o diálogo entre memória, história e patrimônio cultural.

1.3 Diálogo entre memória, história e patrimônio cultural

O entendimento que se estabelece entre história, memória, identidade e patrimônio cultural, neste estudo, tem como ponto de partida a seguinte indagação: De que maneira pode-se conceber um patrimônio cultural tendo por fundamento a memória e a identidade? Com o intuito de responder o questionamento e, consequentemente entender de maneira límpida como se procede o diálogo entre eles, se faz necessário primeiro compreender o significado dos conceitos de cultura e patrimônio que embasam a presente pesquisa.

Neste sentido, considera-se que o homem não nasce *homem*, aprende a ser homem, isto acontece de maneira processual, e com isso "(...) o homem criou seu próprio processo evolutivo." (Laraia, 1986, p. 42). Logo, o ser humano é um ser inacabado, edifica a sua existência de maneira histórica e social, e dentro deste contexto acontece o processo de humanização, que só se tornou possível pelo fato do homem ter criado o mundo do símbolo "(...) pela aprendizagem da linguagem" (Aranha; Martins, 1993, p. 2).

O comportamento humano se origina do uso de símbolos e simbologias e, dessa forma, se produz a cultura. Estudar "(...) a cultura é, portanto, estudar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura." (Laraia, 1986, p. 64). Uma vez refletido sobre as dimensões que caracterizam o ser humano, demonstrando que ele possui a capacidade de transcender e transformar o mundo, deixando assim um rastro indelével, a sua marca, logo se conclui que ele vem a ser um sujeito ativo responsável pela construção socio histórica, e quando se pensa no obejto de estudo da pesquisa, esta afirmação se mostra adequada.

Assim sendo, ao se pensar que os atores que participaram da construção do Cine Teatro Pax pertencem a uma categoria da classe trabalhadora, a dos ferroviários da RVPSC, logo percebe-se que "(...) não podemos entender a classe a menos que a vejamos como uma formação social e **cultural**, surgindo de processos que só podem ser estudados quando eles mesmos operam durante um considerável período histórico." (Thompson, 1987, p. 12, grifo do autor).

Portanto, a experiência de classe é trabalhada em termos de cultura, tratra-se de um fazer-se, ou seja, vem a ser uma construção cultural e social em que os personagens são responsáveis pela construção de sua história. Neste sentido, "A história local é, em intrínseca complementariedade, conjunto de experiências de sujeitos em um lugar e, também, **o**

conhecimento sobre o conjunto dessas experiências." (Gonçalves, 2007, p. 117, grifo do autor).

Através da História Oral, se percebe que a experiência de classe realmente é trabalhada em termos de cultura, no caso dos trabalhadores da RVPSC em específico, se menciona uma ação de convicção religiosa. Ela acontecia no mês de agosto, consistia em receber a imagem de São Cristóvão para abençoar todas seções de trabalho da oficina da RVPSC, na Vila Ferroviária.

> Tem ali a imagem de São Cristóvão (...), então ali da Oficina, toda na época da festa de sexta feira era o primeiro dia da novena já ia a procissão saia cedo as seis hora daqui da Capelania, e cada seção levava um dia, e ela ficava o dia inteiro com vela acessa o pessoal fazendo as suas oração. A tarde dezoito e trinta mais ou menos, as seções que era bastante gente, as seções iam lá e pegavam a imagem e vinham pra procissão de volta até a Igreja tinha missa, a novena propriamente dita da festa, no outro dia cedo as seis hora da manhã, o outro grupo de trabalhadores da rede pegava a imagem e levava dentro da Oficina. (Antônio Túllio, 2024)
>
> *E essa procissão de São Cristóvão nas Oficinas, foi incorporado como um costume uma cultura da família dos ferroviários?*
>
> Tudo os ferroviários dentro das Oficinas tinha, tinha uma sensação tão grande quando ía, ia na seção deles, cada um comprava fazia vaquinha que eles fazia, ninguém batia nóis. A minha seção ninguém batia, porque o meu pai era chefe da minha seção, era o mestre, tinha bastante gente, e daí cada um queria fazer melhor, soltava foguete as seis hora e ainda acordava todo mundo pra sair a procissão, de noite vinha soltando foguete porque daí já era noite, soltando foguete desde a Oficina até a Igreja de volta, rezando o terço e vindo pra dentro da Igreja. (Antônio Túllio, 2024)

Foto 1 - Interior da Oficina da RVPSC, localizada no bairro de Oficinas, na antiga Vila Ferroviária, ao fundo se observa a imagem de São Cristóvão.



Fonte: Acervo Museu Cenas – Ponta Grossa.

Por conseguinte, logo pode-se pensar no seguinte questionamento: como a cultura pode ser definida? Historicamente, restringia-se o conceito de cultura ao saber erudito, a alta cultura, em outras palavras a produção artística. No entanto, os estudos realizados pela Antropologia com relação a cultura, logo desacreditaram esse entendimento limitado, pois se defende que "(...), a tendência nas ciências humanas de hoje é muito mais a de falar em uma

‘pluralidade de culturas’ do que em uma única cultura tomada de forma generalizada.” (Barros, 2003, p. 147).

Neste sentido, a História enquanto ciência, se apropria deste conceito mais amplo de cultura promovendo a interdisciplinaridade na construção do conhecimento histórico, relacionando-o com toda a produção humana, tudo que o homem acumulou e que garante a sua existência, ou seja, o ser humano é um ser histórico, cultural e social, sendo que “(...) uma compreensão exata do conceito de cultura significa a compreensão da própria natureza humana.” (Laraia, 1986, p. 65). Em outras palavras, do fazer-se humano.

Já o conceito de patrimônio nos remete a um conjunto de bens, aquilo que pertence a uma pessoa, “(...), é uma palavra de origem latina, patrimonium, que se referia, entre os antigos romanos, a tudo que pertencia ao pai, *pater* ou *pater famílias*, pai de família”. (Funari; Peligrini, 2009, p. 10.). Tendo por base que patrimônio vem a ser um conjunto de bens, logo se pensa na relação que existe entre o patrimônio e a herança, pois, segundo Johansen (2019, p. 25), “Ao se promover o diálogo entre herança e patrimônio, dá até para ampliar o entendimento, ou seja, algo a ser deixado ou transmitido.”

Em nosso objeto de estudo, entender-se-á o patrimônio, como sendo um bem pertencente a coletividade e não apenas a um único detentor, ou seja, como um conjunto mais amplo que abarca a herança e a cultura coletiva em sua produção material e imaterial. Pois, “(...) todo patrimônio pressupõe a continuidade (material) e a transmissão (imaterial) de um valor.” (Johansen, 2019, p. 25). Assim sendo, quando se fala em Patrimônio Cultural percebe-se que possui um sentido amplo, que não se restringe apenas àquilo construído com *pedra e cal*, bem como, se afasta a ideia de edificações de valor singular somente ligadas a elite.

> (...) o patrimônio cultural tem como suporte, sempre, *vetores materiais*. Isso vale também para o chamado patrimônio imaterial, pois se todo patrimônio material tem uma dimensão imaterial de significado e valor, por sua vez todo patrimônio imaterial tem uma dimensão material que lhe permite realizar-se. (Meneses, 2009, p. 25).

Em outras palavras, para executar a ação do trabalho material, devem-se prognosticar em pensamentos as propostas, dando origem deste modo à outra categoria de laboração denominada de trabalho imaterial. Neste sentido, pode-se afirmar que o criar, o saber fazer vai ao encontro do que se define como patrimônio imaterial, “Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer”. (IPHAN, 2022).

Isto posto, o patrimônio vincula-se a questão da herança, algo a ser deixado ou transmitido para as gerações futuras, e quando se trata de patrimônio cultural, deve-se ter

presente que a memória se materializa através do que Nora (1993) chamou de “Lugares de Memória”. O autor relata que os *lugares de memória* exercem a incumbência de rememorar algo baseado em três funções: a simbólica, a funcional e a material e “(...) os três aspectos coexistem sempre” (Nora, 1993, p. 21). Portanto, no âmago do conceito de “Lugar de Memória” proposto por Nora que se encontra o Patrimônio Cultural.

Neste sentido, o Cine Teatro Pax, definido como sendo um patrimônio cultural, um lugar de memória, apresenta também as três funções. Reflitamos, com relação a materialidade: trata-se de um bem cultural dotado de concretude, o suporte em que fora construído é palpável (material). Com relação a sua funcionalidade, desde o início definiu-se o porquê de sua existência, ou seja, a materialização de um projeto educacional. Por sua vez, ela vem a ser “(...) simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por um pequeno número uma maioria que deles não participou.” (Nora, 1993, p. 22). Compreendendo o patrimônio cultural como um lugar de memória e identificando as três funções, torna-se possível pensar no diálogo entre a história, a memória e a identidade com o próprio Cine Teatro Pax.

O patrimônio cultural possui história, memória e identidade, no entanto, muitos imóveis situados em nosso município passam desapercebidos na correria do dia a dia e apenas *vemos* a construção, mas não a *enxergamos*. Com isso, torna-se impossível pensar nas condições históricas do bem cultural, haja vista que para isso acontecer deve-se pensar no contexto em que foram construídos, nos seus idealizadores e qual a razão de sua existência.

Ao se pensar na edificação do Cine Teatro Pax, estar-se-á automaticamente lembrando do seu idealizador, das pessoas que fizeram um esforço e colocaram as “mãos na massa” para que se tornasse real, da sua funcionalidade enquanto instituição e da relação estabelecida com a sociedade que frequentava o local. Com isso, vem à tona a memória individual e coletiva das pessoas envolvidas no processo, pois identifica-se,

> Em primeiro lugar (...), os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, (...) os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. (...). Além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens. (...). Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os ***lugares.*** (Pollak, 1992, p. 201-202)

Desta maneira, torna-se possível entender o diálogo firmado entre a história e a memória identificando-se três elementos: local, personagens e acontecimentos. No caso do estudo proposto, o local limita-se ao Bairro de Oficinas, os personagens são vários, dentre eles

pode citar-se o Frei Elias e os ferroviários com seus familiares, já os acontecimentos entende-se o processo da edificação propriamente dita do Cine Teatro Pax e o seu uso ou usufruto.

Ao se visualizar o prédio, o imóvel que abriga o Cine Teatro Pax, a comunidade deve ter presente que, ele representa todos estes personagens históricos, a cultura circulante através dos filmes exibidos, a sociabilidade proporcionada pelo espaço, e o processo de edificação do Cine Teatro Pax com o desenvolvimento de Ponta Grossa, em específico, da Vila dos Ferroviários. E, o mais importante, não se pode deixar cair no esquecimento a labuta dos ferroviários, pois percebe-se que é no processo de edificação do Pax, que identificar-se-á a memória, a identidade e a história, elementos que o pesquisador deve vislumbrar quando estuda o patrimônio cultural.

2 OS CAMINHOS QUE LEVARAM ATÉ A CIDADE DE PONTA GROSSA

Compreender a maneira como ocorreu à fundação do Cine Teatro Pax e a sua importância para Ponta Grossa enquanto patrimônio cultural, nos faz refletir sobre dois fenômenos que contribuíram para o povoamento e desenvolvimento da cidade[5], em específico a Vila Ferroviária, espaço geográfico no tempo do tropeirismo conhecido como "Pelados" (Waldmann, 2020).

O primeiro aspecto, nos convida a realizar uma análise da infraestrutura econômica e espacial ligadas aos caminhos e estradas, ou seja, da atividade econômica denominada de tropeirismo até a chegada da ferrovia na cidade. Já o segundo aspecto, relaciona-se ao espírito visionário de um missionário italiano pertencente à Ordem dos Frades Menores Capuchinhos[6], o qual exercia a função de Capelão Ferroviário da Rede Viação Paraná – Santa Catarina[7] (RVPSC).

Com relação ao aspecto econômico e espacial, identifica-se que a gênese de muitos municípios localizados na região dos Campos Gerais vincula-se a atividades desenvolvidas pelo modelo econômico que se denominou de tropeirismo, ou seja, as cidades surgiram ao largo do Caminho das Tropas. O tropeirismo, como atividade econômica e cultural deixou um rastro

---

[5] Não é interesse desta pesquisa apresentar novamente toda a história do município de Ponta Grossa, haja vista tratar-se de bibliografia amplamente estudada, divulgada e reconhecida no meio acadêmico. No entanto, se faz necessário mencionar que, no estudo se evidenciou o povoamento e desenvolvimento da cidade a partir de caminhos e estradas, sejam elas, ligadas ao tropeirismo ou as estradas de ferro. Para saber mais sobre a história do município, como a doação de sesmarias e o desenvolvimento dos modelos econômicos que se seguiram, ler: Balhana, Altiva Pilatti; Machado, Brasil Pinheiro; Westphalen, Cecília Maria. **História do Paraná**. IN: In: El-Khatib, Faissal. (org). 2ª ed. Curitiba: Grafipar, 1969. Martins, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995. Ritter, Maria Lourdes. **As sesmarias do Paraná no século XVIII**. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1980. Gonçalves, Maria Aparecida; Pinto, Elisabete Alves. **Ponta Grossa**: um século de vida (1823-1923). Ponta Grossa: Kugler Artes Gráficas Ltda, 1983. Chaves, Niltonci Batista. **A cidade civilizada**: discursos e representações sociais no jornal Diário dos Campos, na década de 1930. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001.

[6] "A família franciscana é dividia em três ordens, sendo a Primeira Ordem a OFM (Ordem dos Frades Menores), que se subdivide em outros três grupos: Conventuais, Capuchinhos e Observantes. A Ordem dos Frades Menores Capuchinhos teve sua origem na Itália no século XVI, precisamente em 3 de junho de 1528, por meio da Bula Papal Religionis Zelus, expedida pelo Papa Clemente VII (1478-1534)." (Guedes; Pasquini, 2019, p. 4)

[7] "A Rede Viação Paraná - Santa Catarina – RVPSC, foi constituída pela fusão de quatro estradas de ferro autônomas: A Companhia São Paulo - Rio Grande, a Estrada de Ferro Paraná, a Estrada de Ferro do Norte do Paraná e a Companhia Ferroviária São Paulo - Paraná. Essas estradas foram paulatinamente desapropriadas pelo Governo Federal. Em 1902, foi desapropriada a Estrada de Ferro do Paraná, que ligava os Portos do Paraná à capital e entroncava-se com a Companhia de Estradas de Ferro São Paulo - Rio Grande, em Ponta Grossa. A companhia São Paulo – Rio Grande era o tronco que ligava São Paulo ao Rio Grande do Sul; ia de Itararé (SP) até Marcelino Ramos (RS). A desapropriação dessa estrada foi muito trabalhosa, estendendo-se negociações por vários anos, (...). Em 1944, o Governo desapropriou a Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná pertencente de início a súditos ingleses e depois a um grupo paulista." (Petuba, 2011, p. 12)

indelével importantíssimo sobre o solo paranaense e em específico para o município de Ponta Grossa, e desta maneira,

> A conformação da sociedade dos Campos Gerais do Paraná está relacionada ao desenvolvimento de atividades econômicas ligadas ao transporte, comércio e criação de animais entre as regiões do sul do país, tendo em vista o abastecimento de São Paulo e das regiões mineradoras do século XVIII. A região, que possibilitava o trânsito de pessoas e animais, tornou-se a rota obrigatória para os "tropeiros." (Zulian, 2009, p. 6)

A história de Ponta Grossa, teve o seu povoamento e desenvolvimento econômico inicial, relacionado ao atendimento das demandas dos tropeiros que por aqui transitavam, quer seja para o descanso merecido após a longa jornada ou para se reabastecer com víveres. E, de forma simultânea com o fortalecimento das tropas em direção a Sorocaba, cada vez mais se adentra ao interior do território que hoje pertence ao município.

Com o passar dos anos, gradualmente a cidade modificou-se, e novamente graças ao surgimento de novas estradas ocorreu uma expansão e fortalecimento econômico. Mas, por estas estradas não circulavam as antigas *tropas*. Neste período da história de Ponta Grossa, as estradas não eram de terra e sim de *ferro*, e a carga não estava acondicionada no lombo dos muares. Pois bem, trata-se da ferrovia e das locomotivas.

> A ferrovia chegou a Ponta Grossa, no final do século XIX: em 1893, a Estrada de Ferro do Paraná conectando a cidade com a Capital do estado e ao litoral paranaense e em 1896 a Estrada de Ferro São Paulo Rio-Grande. A presença ferroviária reconfigurou a cidade em ponto obrigatório de passagem de pessoas e mercadorias que se deslocavam pelo Paraná e da região sul para o sudeste do Brasil. Atraiu trabalhadores imigrantes e de diversas regiões do país, propiciou a intensificação das atividades econômicas e a adoção de alguns hábitos presentes em outros centros urbanos daquele período e em consequência, fortaleceu a importância da cidade no cenário regional. (Petuba, 2011, p. 11).

Logo, observa-se que a ocupação espacial de Ponta Grossa[8] vincula-se aos "caminhos e estradas". Inicialmente, ligado ao Caminho das Tropas, o desenvolvimento ocorreu ao redor da Igreja de Nossa Senhora Sant'Ana. Assim, se observa uma lógica vigente para a época, "A ocupação urbana de Ponta Grossa, como em diversas outras cidades brasileiras, começou pela área ao redor do largo da Matriz." (Madalozzo, 2015, p. 32).

[8] "A primeira fase, anterior a 1920, corresponde ao período de instalação do núcleo urbano de Ponta Grossa, que se fixa nas áreas contíguas à Igreja Matriz de Sant'Ana. Com o funcionamento da Estrada de Ferro, o parcelamento do solo passa a processar-se sobretudo nas áreas lindeiras a estas, marcando um segundo período que vai de 1920 a 1950. A terceira fase que se estende de 1950 a 1970 caracteriza-se por ser um período de maior expansão urbana em termos de área loteada, onde proliferaram loteamentos tanto em áreas contíguas quanto nas áreas mais distantes. A fase mais recente que se inicia a partir de 1970 é marcada pela instalação de loteamentos de núcleos habitacionais localizados nas áreas mais periféricas." (Monastirsky, 1997, p. 79).

Neste sentido, a chegada da ferrovia propiciou a reconfiguração urbanística da cidade. Constatando-se que, o eixo urbano e principal da vida cotidiana dos moradores, transferiu-se para o local em que fora construído o Pátio Central, espaço geográfico considerado na época da instalação da ferrovia como periferia.

> O padrão de urbanização também se alterou com a chegada da ferrovia: quando foi implantada, a linha férrea era periférica ao centro da cidade; poucas décadas depois, o centro se expandiu. Novos bairros surgiram, e aumentou a concentração de moradias e estabelecimentos comerciais perto dos trilhos. As ruas que levavam à Estação de trem foram as primeiras a se verticalizarem. Ocorreu a transferência daquilo que se considerava 'centro da cidade': antes orbitava em torno da Matriz e da Rua XV de Novembro e com a chegada da linha férrea passa para a proximidade do Pátio central. (Madalozzo, 2015, p. 34-35)

O desenvolvimento urbano ao largo da estrada de ferro, propiciou a edificação de vários pontos de comércio, bem como estabelecimentos para acolher e propiciar o bem estar dos trabalhadores que se instalavam na cidade para a construção do pátio central e das linhas férreas. Segundo Madalozzo, (2015, p. 34), "Foram construídas outras edificações de apoio, como hotéis, pensões, bares, restaurantes e lojas de varejo, alterando significativamente a composição daquele espaço." Isto posto, afirma-se que, "(...) as referências à ferrovia aparecem articulando-a a certa dinamica urbana já existente. (...)." (Petuba, 2023, p. 24).

Dentro deste contexto, se torna possível afirmar que, no final do século XIX gradualmente a "Princesa dos Campos" modificou-se acompanhando a ascendente industrialização nacional, isto graças à chegada da ferrovia e de seu complexo ferroviário que proporcionou uma metamorfose na cidade com pessoas, mercadorias e a cultura circulando, passando e parando em Ponta Grossa. "É com essas ferrovias que a função de entreposto comercial de Ponta Grossa é potencializada e a cidade experimenta um dos melhores períodos econômicos, sociais e culturais da sua história." (Monastirsky, 1997, p. 6)

As atividades desenvolvidas, tendo como centro a ferrovia, se intensificaram, assim sendo se iniciou a construção da primeira estação ferroviária para atender a demanda resultante do complexo ferroviário. Conforme Monastirsky (1997, p. 47), "(...) em terreno doado pela Prefeitura Municipal, foi construído o prédio da "Estação Paraná" - estação de carga e passageiros, de pequenas proporções -, que operava junto à linha da Estrada de Ferro do Paraná, entre Ponta Grossa e Curitiba, inaugurada em março de 1894."

Os trabalhos em torno do leito ferroviário aumentaram e a Estação Paraná não supria mais as demandas, assim inicia-se a construção de um prédio maior inaugurado no ano de 1900. Trata-se da Estação Saudade, "(...) que originalmente, (...) foi denominada Roxo de Rodrigues,

(...). Alguns anos mais tarde (...) foi rebatizada como Estação Ponta Grossa, (...). Em 1997, (...) como ‘Estação Saudade’.” (Madalozzo, 2015, p. 67).

Foto 2 – Pátio de manobras da ferrovia. É possível visualizar a ampliação da Estação Saudade (construção à direita), a Estação Paraná (prédio à esquerda) e ao fundo, a construção da Catedral de Sant’Ana, década de 1900.



Fonte - Museu Cenas - Ponta Grossa

Os ferroviários se tornam uma classe de trabalhadores organizados, mas o seu mundo não se restringiu apenas ao labor. Se observa que foi além das atividades funcionais, haja vista que abarcou o cotidiano dos ferroviários e seus familiares. Nesse sentido, Monastirsky (1997, p. 62) menciona que fez parte da infraestrutura ferroviária “(...), escola profissionalizante, hospital para atendimento médico aos ferroviários e familiares, armazéns de compras para funcionários da rede, núcleos de residências que, em muitos casos, constituíram em vilas de operários.” E dentro deste contexto, surgiu a Vila dos Ferroviários no atual Bairro de Oficinas.

2.1 A Vila Ferroviária

De acordo com Waldmann (2020), o espaço geográfico conhecido atualmente por Bairro de Oficinas nem sempre possuiu esta denominação, anteriormente chamava-se “Pelados”, este título teria sido criado pelos tropeiros que por aqui passavam com suas tropas nas andanças rumo a feira de Sorocaba. “O povoamento do Bairro de Oficinas é bem antigo, provavelmente do início do século XVIII, quando os primeiros tropeiros passaram por esta região por estar na margem do Caminho das Tropas.” (Waldmann, 2020, p. 11).

Tal denominação da região se deu em razão da vegetação preponderante, que conforme Waldmann (2020, p. 6) era formada “(...) por capões de matos, campos limpos e com várias nascentes de água. (...).” Assim sendo, os viandeiros que passavam pela plaga, podiam repousar com suas tropas na região, pois, “Desde os primórdios a entrada da cidade fez-se pela estrada geral que passava por um descampado que ficou conhecido por Pelados, tornando-se um local de pouso e paragem dos tropeiros, (...).” (Waldmann, 2020, p. 11).

No começo do século XX, mais especificamente com a implantação e respectivo fortalecimento do complexo ferroviário, ocorreu o aumento da demanda oriunda das atividades ferroviárias, o que provocou a expansão do trabalho preventivo e reparo, haja vista que a manutenção de trilhos, vagões e locomotivas precisava de oficinas para suprir este propósito. Todo o suporte montado, acolhia muitos ferroviários, assim sendo, a empresa edificou casas próximas às oficinas. O bairro de Oficinas recebeu este nome porque nele instalaram-se as oficinas para a manutenção dos vagões e locomotivas da São Paulo – Rio Grande. Ali também se concentraram as vilas dos operários da ferrovia. (Chaves, 2001, p.14)

Se faz importante mencionar, que antes da implantação da Vila Ferroviária, dentro do perímetro urbano, “(...) as companhias ferroviárias foram edificando, aos poucos, em todo o território estadual, casas para as turmas de conservação da linha férrea, geralmente grupos de 4 a 10 moradias dispostas ao longo da estrada.” (Larocca Junior, 2016, p. 166). Estas casas destinavam-se aos trabalhadores, que executavam trabalhos pontuais ao longo da ferrovia. Neste primeiro momento não se tratava de uma vila propriamente dita de trabalhadores (Vila Ferroviária), pois, essas casas se encontravam na área rural (periférica).

Foi neste cenário, com o aumento das atividades do complexo ferroviário que as moradias para compor a vila dos trabalhadores surgiram. A vista disto, aos poucos foram edificadas as “(...) ‘vilas ferroviárias’ propriamente ditas, comunidades criadas para abrigar famílias de trabalhadores constituintes de mão de obra de variadas especialidades, geralmente atreladas a uma instalação de maior porte, de implantação urbana.” (Larocca Junior, 2016, p. 166).

De acordo com Larocca Junior (2016), a Vila Ferroviária, atenderia aos ferroviários que trabalhavam nas oficinas de manutenção especializada, isto acabou trazendo mais conforto para os trabalhadores, haja vista que junto com os seus familiares ocupariam as residências disponíveis. “É o caso das vilas das oficinas da RVPSC, situadas em Ponta Grossa e Curitiba, Jaguariaíva e União da Vitória.” (Larocca Junior, 2016, p. 166).

A Vila Ferroviária[9], em Ponta Grossa, data do ano de 1956, com as casas edificadas em madeira apresentando aspectos urbanos, ou seja, difere daquelas construídas ao longo das linhas férreas fora do perímetro urbano da cidade. “Sua implantação é caracteristicamente ‘urbana’, tendo abrigado a Capelania da RVPSC (...) e uma escola profissionalizante, transformada em colégio estadual com o nome de ‘Jesus Divino Operário’”. (Larocca Junior, 2016, p. 167)

Figura 1 – Planta da Vila Ferroviária, década de 1950.



Fonte: Casa da Memória Paraná.

As casas da Vila Ferroviária, foram construídas em propriedade da Rede Viação Paraná Santa Catarina e o arruamento se destinava a locomoção dos moradores para as oficinas e demais construções da Vila, como “à escola profissional e à capela, além das instalações desportivas do clube ‘Homens do Trabalho’, que tinha frente para a Avenida Visconde de Mauá (...). (Larocca Junior, 2016, p. 168).

Com o passar dos anos, as casas edificadas na Vila Ferroviária foram oferecidas aos ferroviários que as compraram. Todo o complexo ferroviário que compreendia os lotes das oficinas e as residências foram paulatinamente legalizados.

[9] “Ao tempo de sua implantação, a Vila Ferroviária não foi licenciada junto ao Município: como eram construídas inteiramente no interior do grande terreno de propriedade da RVPSC junto às suas oficinas, as casas de madeira foram objeto de alvará simplificado, primeiro em função de sua área construída ser inferior a 70m² (limite da área de uma casa popular naquela época) e segundo, por serem construções de madeira.” (...). (Larocca Junior, 2016, p. 167-168).

> Até meados da década de 1980, o conjunto de todas as casas e respectivos lotes permaneceu consolidado em um único imóvel, sendo as casas mantidas como patrimônio da companhia, cedidas aos funcionários enquanto fossem mantidos os vínculos funcionais. Ao final desse período, as moradias passaram a ser ofertadas aos moradores para aquisição, o que ocorreu em praticamente em todos os casos. Para a regularização documental, em 1987, a Prefeitura Municipal, acionada pelo protocolado 5.674, emitiu o Decreto 155/87, que aprovou a assim denominada Vila Ferroviária 3ª parte, bem como, no mesmo decreto, a Vila Ferroviária 1ª parte, que incluía as oficinas da companhia. O conjunto abrangia 27 quadras e 313 lotes. A Vila Ferroviária 2ª parte, com 6 quadras e 45 lotes, com frente direta para a avenida Visconde de Mauá, já tinha sido legalizada em 1980. (Larocca Junior, 2016, p. 168).

Portanto, a origem e o desenvolvimento do Bairro de Oficinas, estão atrelados ao tropeirismo porque era local de chegada ou saída de Ponta Grossa, e em específico a história da ferrovia no município. O Cine Teatro Pax, objeto de estudo do trabalho acadêmico, relaciona-se às ações desenvolvidas por um Frei Capuchinho, um religioso visionário que não limitou suas atividades a esfera espiritual. Ele promoveu ações sociais que impactaram a vida dos ferroviários e seus familiares, ultrapassando como já citado, as atividades funcionais dos trabalhadores, o que será detalhado no próximo capítulo.

3 FREI ELIAS ZULIAN E A IDEALIZAÇÃO DO CINE TEATRO PAX

A construção do Cine Teatro Pax está intimamente ligada a presença do Frei Elias Zulian[10] enquanto idealizador do projeto, haja vista que o processo de construção do bem cultural teve a participação ativa dos trabalhadores da RVPSC, de seus familiares e da comunidade, como descrito no subcapítulo. A análise dos documentos ou fontes históricas, apontam para esta afirmativa, o que ocorreu durante o desenvolvimento da pesquisa.

Este religioso, dotado de um espírito visionário, por designação de seus superiores assumiu a função de Capelão da Rede Viação Paraná Santa Catarina. A indicação ocorreu no dia "(...) 18 de maio de 1952 (...)" (Guedes; Pasquini, 2019, p. 12) e ele logo percebeu que os ferroviários careciam de socorro espiritual, o que acontecia na Capelania. Mas, ao longo da linha Férrea, o Frei Elias também prestava atendimento espiritual "(...) aos moradores das regiões próximas às estações sob a jurisdição da Capela Ferroviária, que, segundo estatísticas da época, totalizavam 267 estações, distribuídas em uma extensão de três mil quilômetros. (Guedes; Pasquini, 2019, p. 12).

Foto 3 – Frei Elias, ao longo do trecho da linha férrea catequizava os pais e também os pequeninos, década de 1950. O religioso está sentado na linha férrea, utilizando o hábito (batina) típico dos Franciscanos.



Fonte – Acervo da Paróquia São Cristóvão.

A ação missionária do Frei Elias não se restringiu apenas aos trilhos, ele elaborou um projeto grandioso que contou com a ajuda de toda a comunidade ferroviária, haja vista

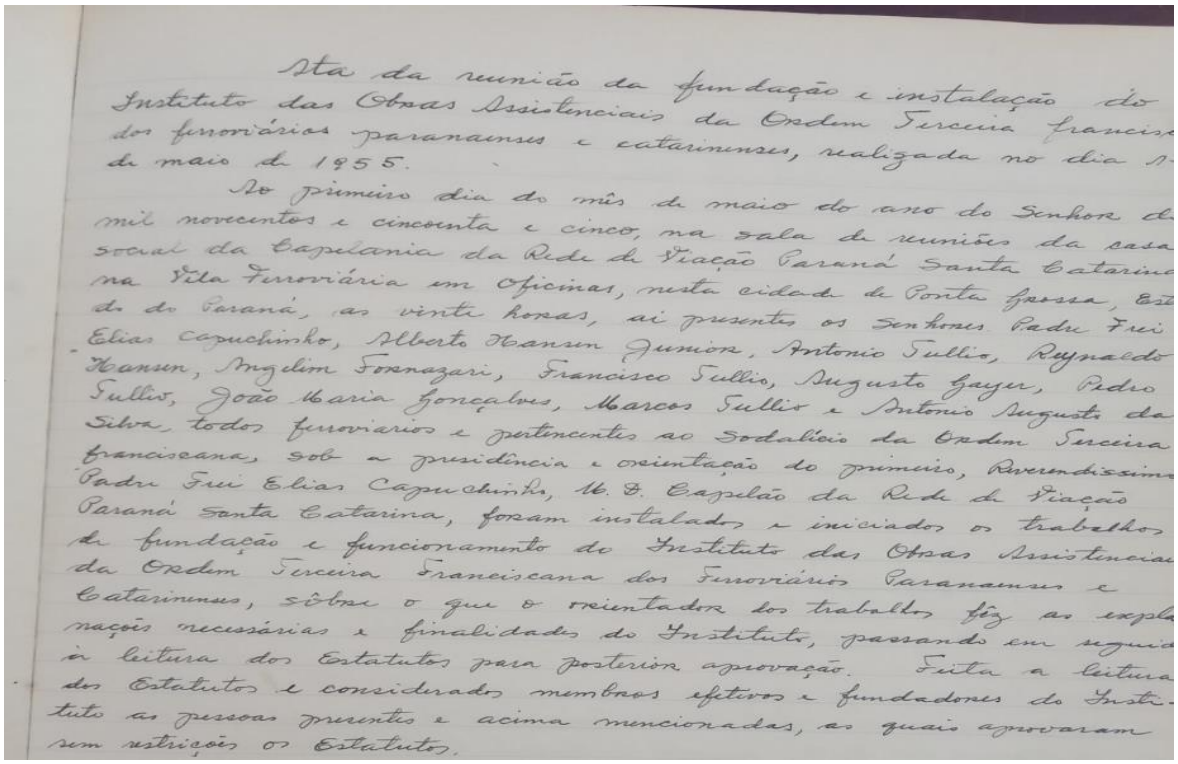
[10] "Eugenio Zulian (Frei Elias) nasceu em 9 de agosto do ano de 1920, em Posiona, na Provincia Italiana de Treviso. De acordo com as fontes disponíveis na Cúria da Província São Lourenço de Brindes dos freis capuchinhos, Frei Elias ingressou no Seminário localizado na Província de Rovigo em 1 de setembro de 1932. Vestiu o hábito capuchinho na Província de Bassano Del Grappa, emitiu os votos perpétuos em Veneza, onde foi ordenado sacerdote em 9 de setembro de 1945." (Guedes; Pasquini, 2019, p. 11)

que necessitava de recursos financeiros para a concretização das obras. Dentre as intenções do Frei Elias, destaca-se a preocupação com a escolarização dos ferroviários e de seus familiares, desta maneira, a visão empreendedora do Missionário, aliada aos anseios dos trabalhadores da estrada de ferro garantiu a criação de um Instituto para atender às necessidades.

O Frei Elias, graças ao seu pragmatismo, em comum acordo com os ferroviários, de maneira organizada estruturou o instrumento que viabilizaria os seus planos com relação a assistência social e educação dos ferroviários e de seus familiares. Esta instituição recebeu o nome de Instituto das Obras Assistenciais da Ordem Terceira Franciscana dos Ferroviários Paranaenses e Catarinenses (IOTFFPC). Pois bem, graças à habilidade de organizar-se, o religioso tinha em suas mãos o aparato que propiciaria uma mudança na vida dos laboradores das estradas de ferro.

Assim sendo, no dia 1º de maio de 1955, Frei Elias Capuchinho (ATA do IOTFFPC, 1955, p. 1), Capelão Ferroviário da Viação Paraná-Santa Catarina, e seus colaboradores (membros da diretoria) registraram em Ata, oficialmente a criação do Instituto das Obras Assistenciais da Ordem Terceira Franciscana dos ferroviários paranaenses e catarinenses.

Figura 2 – Página n.º 1 do Livro Ata do Instituto das Obras Assistenciais da Ordem Terceira Franciscana dos Ferroviários Paranaenses e Catarinenses, fundação da Instituição.



Ata da reunião da fundação e instalação do
Instituto das Obras Assistenciais da Ordem Terceira Francisc
dos ferroviários paranaenses e catarinenses, realizada no dia 1
de maio de 1955.

Ao primeiro dia do mês de maio do ano do Senhor de
mil novecentos e cinquenta e cinco, na sala de reuniões da casa
social da Capelania da Rede de Viação Paraná Santa Catarina
na Vila Ferroviária em Oficinas, nesta cidade de Ponta Grossa, Est
do Paraná, as vinte horas, ai presentes os Senhores Padre Frei
Elias Capuchinho, Alberto Hansen Junior, Antonio Tullio, Raynaldo
Hansen, Angelim Fornazari, Francisco Tullio, Augusto Gayer, Pedro
Tullio, João Maria Gonçalves, Marcos Tullio e Antonio Augusto da
Silva, todos ferroviarios e pertencentes ao Sodalicio da Ordem Terceira
franciscana, sob a presidência e orientação do primeiro, Reverendissimo
Padre Frei Elias Capuchinho, M. D. Capelão da Rede de Viação
Paraná Santa Catarina, foram instalados e iniciados os trabalhos
de fundação e funcionamento do Instituto das Obras Assistenciais
da Ordem Terceira Franciscana dos Ferroviários Paranaenses e
Catarinenses, sôbre o que o orientador dos trabalhos fêz as explic
nações necessárias e finalidades do Instituto, passando em seguida
à leitura dos Estatutos para posterior aprovação. Feita a leitura
dos Estatutos e considerados membros efetivos e fundadores do Institu-
tuto as pessoas presentes e acima mencionadas, as quais aprovaram
sem restrições os Estatutos.

Fonte: Casada Memória Paraná.

Ao analisar a Ata do Instituto de Obras Assistenciais da Ordem Terceira Franciscana dos Ferroviários Paranaenses e Catarinenses, no que tange as finalidades da entidade, se observa a preocupação do seu fundador com a questão assistencial e educacional, as quais teriam prioridade sobre os demais objetivos e projetos do Instituto. No dia 15 de junho de 1955, o Frei Elias e os membros da Ordem Terceira se reuniram e definiram as finalidades a que se destinava a Instituição, sendo que um cinema educativo e um teatro estavam entre as aspirações do grupo, conforme registrado no livro Ata do Instituto.

> Art. 3º - Quanto a finalidade, o Instituto destina-se privalentemente a Assistência e à Educação da classe ferroviária e compreende: jardins de infância, cursos primários, escolas técnicas de educação familiar, cursos de higiene e puericultura, cursos de educação doméstica para moças, curso de enfermagem, bem como de assistência recreativa às famílias, como sejam: **cinema educativo, teatro**, excursões, bibliotecas, serviços de alto falantes, etc. (...). (Zulian, 1955, p. 3, grifo nosso)

Figura 3 – Esboço do projeto social e educacional do Instituto da Ordem Terceira Franciscana dos Ferroviários Paranaenses. A edificação à direita, no ano de 1956, recebeu o nome de Cine Teatro São Cristóvão.



Fonte: Acervo da Escola Estadual Jesus Divino Operário, sem data.

Portanto, a construção de um cinema e de um teatro com fins educativos já estava nos planos do Frei Elias e dos membros da diretoria desde o momento da criação do Instituto de Obras Assistenciais. Inicialmente "Frei Elias projetava filmes da época no salão da Associação Recreativa Homens do Trabalho, no antigo prédio, carinhosamente chamado por muito tempo de "caixão."(Waldmann, 2020, p. 14). A crescente procura pelas sessões, fez com que o Frei Elias pensasse em um espaço maior para acolher o público.

Assim sendo, o Frei Elias e os membros do IOTFFPC, construíram o Cine Teatro São Cristóvão. O empreendimento por anos serviu de local em que os moradores da Vila Ferroviária, demais bairros e região central se reuniam para assistir filmes e peças teatrais com viés educacional. O espaço proporcionava a sociabilização entre os seus frequentadores.

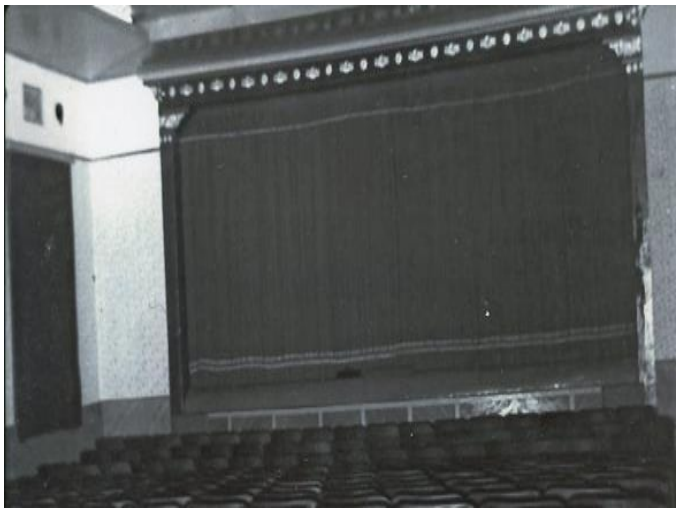
> "Em primeiro de abril de 1956, foi inaugurada a primeira obra, que revelou o **frei como um incentivador da arte cinematográfica e do teatro**. Objetivando unir a comunidade mantendo-a sempre perto de si, Frei Elias construiu um auditório com capacidade para 400 pessoas. O novo auditório, denominado Cine Teatro São Cristóvão passou a ser o centro cultural da região de Oficinas com grande afluxo de público. Frequentemente as sessões de cinema eram substituidas por apresentação de peças teatrais. Periodicamente também aconteciam os famosos festivais de teatro, onde se destava o Grupo de Teatro Amador Tropical." (Zulian, 2018, p. 306-307, grifo do autor)

Foto 4 – Cine Teatro São Cristóvão. Usado como sala de aula e nos finais de semana como cinema e teatro. Data da foto 1956.



Fonte - Museu Cenas - Ponta Grossa.

Foto 5 – Interior do auditório do Cine Teatro São Cristóvão. Data da foto 1956



Fonte - Museu Cenas - Ponta Grossa.

O funcionamento do Cine Teatro São Cristóvão, ou melhor dizendo, o aumento significativo do público que participava das sessões fez com que o espaço novamente se tornasse pequeno. Frei Elias, percebendo que seria necessário um espaço maior para suprir a demanda, propôs a construção de um imóvel com uma capacidade maior, ou seja, que atendesse ao público que participava das sessões, o que será melhor detalhado a seguir.

3.1 A construção do Cine Teatro Pax e os seus aspectos cotidianos

O estudo sobre o Cine Teatro Pax, nos conduz a uma premissa, a de que a sua gênese repousa incialmente em duas instituições: o salão da Associação Recreativa Homens do Trabalho e posteriormente o Cine Teatro São Cristóvão. Com o aumento do público que frequentava a Instituição para assistir aos filmes, logo se fez necessário pensar em como atender à crescente demanda, e desta forma, Frei Elias e os membros do IOTFFPC, idealizaram o futuro projeto. Mas, como obter os recursos financeiros para que a nova construção se tornasse possível?

Para a realização do projeto socio educacional original (1955) idealizado por Frei Elias e os seus companheiros do IOTFFPC, algumas estratégias foram adotadas principalmente para a obtenção de fundos financeiros. Conforme o informativo comemorativo alusivo aos sete anos de fundação da Capelania R.V.P.S.C, observa-se quais foram os planos adotadas para que as obras efetivamente se concretizassem, me refiro a obras no plural, em razão de que todo o projeto socio educacional era contemplado pela linha de ação, e por conseguinte era rigorosamente seguido pelo Frei Elias durante a sua execução.

QUADRO 1 – Estratégias adotadas para obtenção de recursos financeiros e ajuda para edificação do projeto socio educacional (1955) idealizado por Frei Elias e os membros do IOTFFPC.

Áreas de terreno cedidas em Comodato pela Rêde.
Cooperação dos Dirigentes e Ferroviários da RVPSC.
Colaboração do povo da cidade e do Interior do govêrno (sic) do Estado do Paraná.
Facilitações de crédito de casas e firmas comerciais.
Resultados de Festas religiosas e festivais cinematográficos e teatrais.
Particularmente incalculáveis esforços dos membros do Instituto.

Fonte: elaborado pelo autor com base em: A Capelania da R.V.P.S.C (1961, p. 1).

Se faz importante dizer que, o prédio do Cine Teatro Pax, é posterior ao ante projeto sócio educacional inicial elaborado pelo IOTFFPC (1955), mas os recursos financeiros para a execução da obra e o terreno para a construção do prédio foram obtidos da mesma maneira que as obras do projeto original (1955). A assertiva é verdadeira, ao se analisar os relatos de ferroviários entrevistados que vivenciaram a construção do imóvel e de alguns recortes de periódicos da época.

Neste sentido, o primeiro ato para que isto fosse possível, aconteceu no início da década de 1960, quando o Instituto recebeu da RVPSC, o terreno que seria destinado à construção de outro cinema, o novo empreendimento a ser edificado tratava-se do Cine Teatro Pax (Mikaelli, 2018). Em 1961, se inicia através do IOTFFPC, e da participação da comunidade ferroviária os trabalhos de fundação do novo prédio que abrigaria o cinema. Conforme Antônio Túllio (2023), ele ajudou na preparação do terreno que continha muitos eucaliptos e só após a derrubada das árvores é que se iniciaram as obras para a edificação do Cine Teatro Pax.

Foto 6 – Imagem do início das obras do Cine Teatro Pax em 1961. Ao centro, na fila inferior de braços cruzados o Frei Elias. Nelson Antônio Túllio é o terceiro da direita para a esquerda na fila superior. Por sua vez, Sebastião Airton Túlio é o quarto da direita para a esquerda na fila superior.



Fonte: Acervo pessoal de Nelson Antônio Túllio.

A participação dos membros do IOTFFPC e dos ferroviários, desde o início da construção foi de grande valia, sendo que após a doação do terreno, eles participaram ativamente da preparação e fundação do novo empreendimento e as suas ações foram além deste ato inicial.

> (...) o senhor se lembra com se deu a construção do Cine Teatro Pax?
>
> **Tudo na base do auxílio, na base do auxílio pedindo**, **e o pessoal da rede, da nossa diocese, todos ajudavam**, via nele um exemplo, é difícil de ter uma pessoa dinâmica e igual aquele homem, não tinha, é difícil principalmente naquela época, ele veio com conhecimento prático então, ele queria fazer, **o pessoal ajudava, o pessoal da igreja ajudava (...) ele tinha um pessoal que trabalhava pra ele, que eram funcionários, de pedreiro, carpinteiro um ou outro, o serviço de carpinteiro sempre foram nós que fomos ajuda**, (...). (Antônio Túllio, 2024, grifo do autor)

Assim como aconteceu no ante projeto socio educacional inicial (1955), a construção do Cine Teatro Pax seguiu a mesma lógica, recebendo ajuda da comunidade, dos ferroviários e familiares, inclusive com mão de obra especializada para a edificação, ou seja, os esforços dos membros do Instituto eram relevantes. Bem como, se observa que na medida que as ações da comunidade não supriam as necessidades financeiras, o Frei Elias recorria a RVPSC.

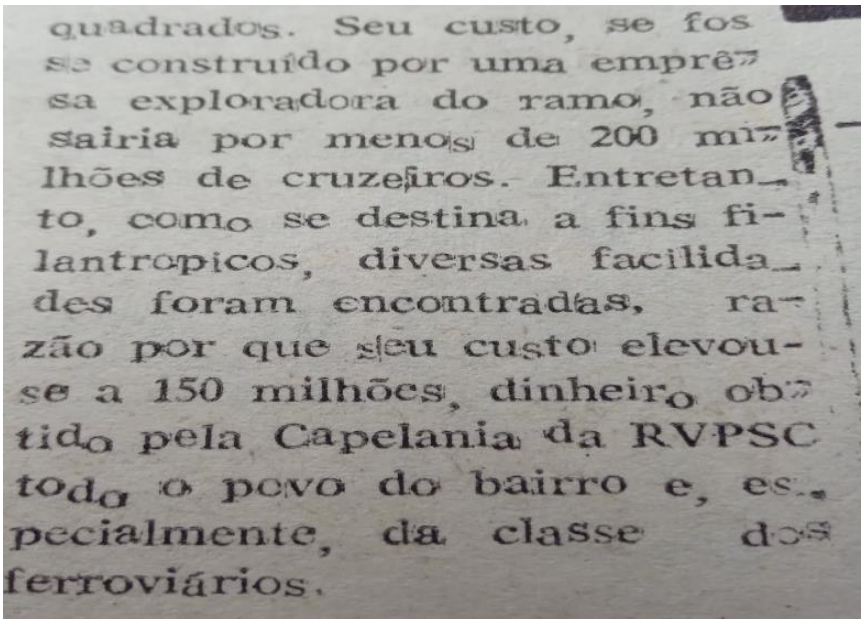
> O que ele precisava na hora do aperto, ele, eu vou ter que ir pra Curitiba, ele só dizia vou ter que ir pra Curitiba. Hoje à tarde eu volto, **nós sabia que ele ia la na Rede, no Departamento Social da empresa, da Rede Viação Paraná - Santa Catarina, tinha um departamento social, ele ia lá e trazia sempre alguma coisinha ele trazia de lá** , claro ele não difundia né pra tanto, mas nós sabia que quando apertava o calo, ele sabia onde que ía pega, onde se socorre. (Antônio Túllio, 2024, grifo do autor)

Pois bem, o Frei Elias com todo o seu carisma, um capelão bem quisto não só pela comunidade ferroviaria, mas também pelos dirigentes da RVPSC, também contava com o apoio destes para ajuda financeira. Airton Túlio (2024), reforça o relato de Antônio Túllio, ao mencionar que o religioso Franciscano, era persuassivo e quando festas eram realizadas na Paróquia São Cristóvão, os dirigentes da RVPSC eram convidados,

> (...) a Rede contribuiu muito com isso, quando ele fazia uma festa aqui, ele convidava a diretoria da Rede, e eles ficavam num salão separado do pessoal da festa, e lá eles traziam um pacote com dinheiro vivo e entregavam pra ele. E nós que era da diretoria, nós tava junto alí, tava vendo tudo o que se passava, e quando precisava de dinheiro ele ia nos superior dele, ele pedia lá na Rede e a Rede ajudava. (Airton Túlio, 2024)

O fato do Cine Tetaro Pax, ser considerado um empreendimento com fins filantrópicos, também contribuiu para tornar menos onerosa a construção, haja vista que entidades com estas características recebem benefícios e isenções fiscais do governo. Conforme reportagem publicada na edição do dia 13 de setembro de 1964, pelo Jornal Diário dos Campos, se observa que o custo da obra teve o valor diminuido.

Figura 4 – Ponta Grossa tem mais um cinema: Pax inaugurado.


quadrados. Seu custo, se fos
se construído por uma empre-
sa exploradora do ramo, não
sairia por menos de 200 mi-
lhões de cruzeiros. Entretan-
to, como se destina a fins fi-
lantropicos, diversas facilida-
des foram encontradas, ra-
zão por que seu custo elevou-
se a 150 milhões, dinheiro ob-
tido pela Capelania da RVPSC
todo o povo do bairro e, es-
pecialmente, da classe dos
ferroviários.

Fonte: Jornal Diário dos Campos, 13 de setembro de 1964, p. 5. Acervo Museu Campos Gerais.

Durante a produção do trabalho, em investigações a acervos de instiuições e das pessoas entrevistadas, alguns materiais iconográficos relacionados à Vila dos Ferroviários e da própria construção do Cine Teatro Pax foram reunidos. A análise da fotografia como fonte histórica requer o uso da criticidade, pois muitos detalhes podem ser explorados através dela, ou seja, o olhar mais atento e minucioso nos levará a "enxergar" aquilo que está implícito nela, é o que propõe a análise de discurso, citada na introdução do trabalho, por tratar-se de um instrumento que torna possível a análise através do cruzamento de fontes.

Isto possibilitará que a imagem receba o mesmo tratamento que um documento ou fonte histórica escrita, colocando a prova, a sua validade, ou seja confrontar a imagem com outros tipos de fontes, haja vista que ela não se esgota em si.

> Toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento. Se, por um lado, este artefato nos oferece indícios quanto aos elementos constitutivos (assunto, fotógrafo, tecnologia) que lhe deram origem, por outro o registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca daquele preciso fragmento de espaço/tempo retratado. O artefato fotográfico através da matéria (que lhe dá corpo) e de sua expressão (o registro visual nele contido), constitui uma fonte histórica. (Kossoy, 2001, p. 48)

Neste sentido, para tornar válida a utilização da fotografia como fonte histórica, adotou-se o seguinte procedimento: elaborou-se um painel com fotos que foram agrupadas e numeradas com os algarismos cardinais, e na sequencia apresentada aos entrevistados para que descrevessem o que elas representavam, ou seja, se estavam ligadas ao histórico da Vila Ferroviária ou do Cine Teatro Pax.

Uma delas chamou a atenção, por se vincular ao momento específico da edificação do Cine Teatro Pax. Ao apresentar a Antônio Túllio (2024) vieram à tona detalhes que somente a História Oral possibilita. Ele disse que o seu pai, então Chefe da marcenaria da Oficina da RVPSC, reuniu cerca de 100 funcionários, e durante um sábado montaram a estrutura em madeira que receberia a cobertura do prédio novo, como pode ser observado na foto abaixo. Assim como pode ser visualizado, à esquerda, casas da Vila Ferroviária.

Foto 7 – Imagem aérea do Cine Teatro Pax durante a sua construção. Sem data.



Fonte: Museu Cenas, sem data definida.

Observa-se na entrevista de Antônio Túllio (2024), que o IOTFFPC através de seus membros, da comunidade ferroviária e seus familiares, desempenhou um papel de grande relevância na construção do imóvel, como se desde a sua edificação o Cine Teatro Pax pertencesse aos laboradores dos trilhos, e aos moradores da Vila Ferroviária. Dentro deste contexto, de esforços para a construção do prédio, pode-se afirmar que as mesmas estratégias adotadas pelo IOTFFP para a construção do projeto sócio educacional, foram também utilizadas para que se concretizasse o sonho de um novo cine teatro.

O Frei Elias, através da comunidade solicitava ajuda e era "(...) organizado festa, e ele fazia muito bingo, com muita rifa, muito, o dinheiro saiu a maioria, saiu da comunidade aqui, cada um dava o que podia, assim dava e colaborava. Quando a gente viu, o cinema tava pronto" (Airton Túlio, 2024). Inclusive, vagões que eram inservíveis para RVPSC eram aproveitados.

Corrobora com este apontamento a entrevista com Airton Túlio (2024), que também coloca em evidência a importância dos ferroviarios para construção do prédio, dizendo que em sua grande maioria os ajudantes "(...) eram todos ferroviários, inclusive desmanchavam vagão velho pra aproveitar a madeira, a Rede doava o vagão pra que punha

ali no desvio, e a gente desmanchava o vagão tirava tudo, parafuso prego, e aproveitava a madeira.” (Airton Túlio, 2024)

Após as explanações sobre como se deu a construção do Cine Teatro Pax, destacando quem foram os personagens que ajudaram, quais foram as estratégias utilizadas para obtenção de recursos, quer sejam de ordem financieira ou material, torna-se possível a elaboração de um quadro para mostrar que os procedimentos adotados pelo IOTFFPC é análogo aos que tornaram possível a concretização do ante projeto sócio educacional (1955).

QUADRO 2 – Estratégias adotadas para obtenção de recursos finaceiros e ajuda para a construção do Cine Teatro Pax (1961-1964).

Área do terreno cedida pela RVPSC.
Cooperação dos Dirigentes e Ferroviários da RVPSC.
Colaboração dos moradores da Vila Ferroviária e da cidade (Diocese).
Isenções fiscais por se tratar de uma instituição com fins filantrópicos.
Promoção de Festas religiosas e festivais cinematográficos e teatrais para obtenção de recursos financeiros.
Participação ativa dos membros do IOTFFPC e dos ferroviários.

Fonte: elaborado pelo autor com base na análise das entrevistas e no Jornal Diário dos Campos, 13 de setembro de 1964, p. 5.

Conforme Zulian (2018, p. 307), com a sua inauguração em 1 de abril de 1956, o “(...) Cine São Cristóvão passou a ser o centro cultural da região de Oficinas (...)”. No entanto, após muito esforço do Frei Elias, dos membros do IOTFFPC, da comunidade ferroviária e dos dirigentes da RVPSC, mais especificamente no dia 12 de setembro de 1964, o novo empreendimento estava em condições de receber o público, e desta forma, o Cine Teatro Pax passou a ser o principal espaço cultural[11] da Vila Ferroviária. O filme exibido na inauguração foi: Viagem ao Centro da Terra (1959), de Júlio Verne.

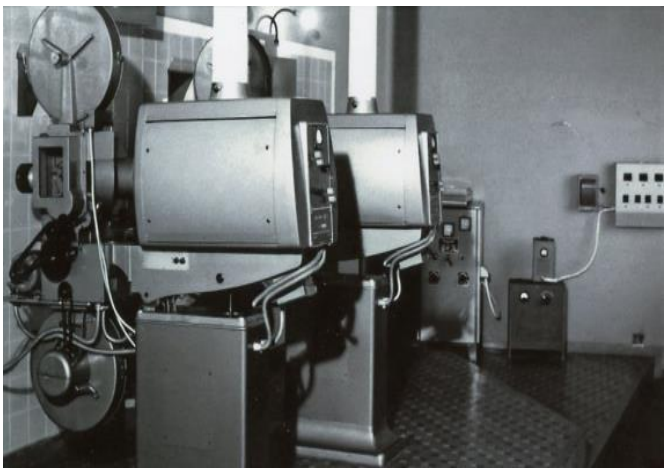
[11] “Ao se frequentar um cinema, fosse em Ponta Grossa ou em qualquer outra parte do planeta, as pessoas estavam vivendo ali uma experiência estética, ou seja, uma percepção de mundo a partir da arte; da arte cinematográfica. Assim como a palavra escrita, as imagens projetadas na tela deviam ser codificadas e compreendidas, pois tanto quanto a pintura, o desenho, a escultura, o cinema é um símbolo e como símbolo tem, entre as suas funções, a de transmitir determinados aspectos da cultura de um povo, de um grupo, tornando-se assim um espaço cultural.” (Silva Junior, 2008, p. 103)

Foto 8 – Vista do interior do Cine Teatro Pax com 970 lugares. Sem data.



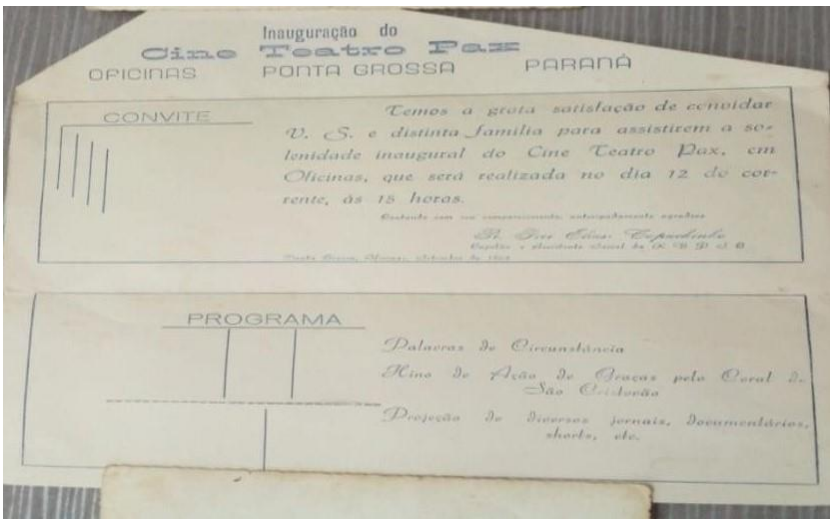
Fonte: Acervo da Igreja São Cristóvão.

Foto 9 – Sala de projeção do Cine Teatro Pax. Com máquinas GK.



Fonte: Acervo da Igreja São Cristóvão.

Figura 5 – Convite de inauguração do Cine Teatro Pax.



Fonte: Acervo pessoal de Nelson Antônio Túllio

Investimentos com o intuito de proporcinar mais conforto ao público, foram pensados e realizados logo após a inauguração. No dia 23 de setembro de 1964, em entrevista concedida ao Jornal da Manhã, Frei Elias anunciou melhorias relatando que no prazo de quarenta e cinco dias, o sistema de ar condicionado estaria em funcionamento. Disse também, que a procura pelas exibições dos filmes surpreendeu e já estavam se organizando para a apresentação de novas atrações. Frisou que a comunidade tinha a seu dispor estacionamento para guardar os veículos, bem como vigilantes para fazer a guarda dos carros e motos dos frequentadores.

Figura 6 - Cine "Pax" terá ar condicionado



Cine «Pax» terá ar condicionado

Dentro de 45 dias estará funcionando no Cine "Pax", da Vila Oficinas, o sistema de ar condicionado. O cinema já dispõe e um custoso equipamento destinado a renovação do ar durante as sessões, e assim que instalado também aquêle sistema, será constituir a primeira casa de espetáculos de Mato Grossa a apresentar tal vantagem.

Frei Elias, Capelão da RV PSC e construtor do Cine "Pax" (cuja renda é para construir a cidade ferroviária dos meninos), informou que, com a implantação daquela nova melhoria, o cinema será um dos melhores do Paraná, rivalizando-se com os principais de Curitiba.

MOVIMENTO

Disse que o movimento de frequentadores está sendo ótimo, e até certo ponto, inesperado, em vista de ter começado a funcionar há poucos dias. O "Pax" oferece, na verdade, todo o confôrto. Suas 970 poltronas estofadas são de categoria superior às de qualquer cinema da Capital e, inclusive, deveriam ser colocadas no Cine Vitória, o melhor, atualmente, de Curitiba, vindo porém para Mato Grossa graças aos esforços de Frei Elias. Há parque de estacionamento de veículos, com elementos contratados especialmente para vigiá-los.

FILMES

Esclareceu Frei Elias estar estruturando uma programação das melhores para os próximos dias, com vários lançamentos inéditos em nossa cidade e de primeira qualidade. Nos dias comuns, o horário das sessões é o das 20.45 horas. Já para domingos e feriados são os das 14, 17.45 e 20.15 horas. Entretanto, brevemente serão programadas vesperais aos sábados.

Colisão na BR-35

Violenta colisão de veículos, verificou-se no kilometro 26, da rodovia BR-35, na noite de antontem. Trafegavam com destino a Curitiba e Guarapuava, os caminhões placa, 5-97-72 e 29/08/45, dirigidos respectivamente pelos motoristas José Sobrinho Bandeira e Antonio Grande, quando em manobras de direção, chocaram-se, ficando os veículos totalmente danificados. Num dos veículos viajava Juracy Maia, que sofreu ferimentos de natureza grave. Os demais saíram ilesos. Juracy foi transportado para o Hospital Bom Jesus onde deu entrada a Polícia e o Transito foram comunicados do fato, comparecendo ao nosocomio, para as medidas de praxe. Sobre o caso será instaurado inquérito.

Agradecimento e Convite Para Missa

Viuva Sra. Dna. Anice Gerab Namur

Fonte: JORNAL DA MANHÃ, 23 de setembro de 1964, p. 2. Acervo: Casa da Memória Paraná.

O Cine Teatro Pax, durante o período em que ficou a cargo do Frei Elias e dos membros do IOTFFPC, criou uma rotina de funcionamento com definição de dia e horário para exibição dos filmes para o público. Inicialmente, conforme o Frei Elias, as sessões aconteceriam da seguinte mameira: "Nos dias comuns, o horário das sessões é o das 20h45. Já para domingos e feriados são os das 14, 17.45 e 20.15 horas. Entretando serão programadas vésperas aos sábados." (Jornal da Manhã, 1964, p. 2). Ressalta-se, que a programação dos filmes e o horário das respectivas sessões, eram divulgadas nos períodicos da cidade, tais como, o Jornal da Manhã e o Diário dos Campos.

Com a consolidação do Cine Teatro Pax, os dias de exibição dos filmes se ampliaram, e aconteciam durante a semana, nos sábados e domingos com uma diversificação de horários,

em específico, nos finais de semana. O Cine Teatro Pax, considerado um cinema de bairro, não deixava a desejar no quesito qualidade, estando no mesmo nível ou até se destacando em alguns aspectos com relação aos outros cinemas da região central da cidade, segundo as lembranças de Antônio Túllio.

> Cinema de Bairro, mas nos tamo em bairro, o cinema era melhor que os cinemas do centro da cidade, mas nem se compara, aí já era trinta e cinco milímetros, filme tudo selecionado, o som é qualquer coisa de extraordinário e aí com isso ele foi crescendo porque tinha o pátio ele falo do tamanho tinha o pátio de estacionamento com o guardião que podia deixar a porta aberta que ninguém mexia. (Antônio Túllio, 2023)

Conforme Antônio Túllio (2024), nos finais de semana "(...) tinha matinada, as vezes com show de canotores que eram da cidade, fazia coisa beneficiente, nós tinha matinê que começava as quatroze, (...), as três sessões todas elas lotada, (...), o cinema era o rei da cocada no bairro, na cidade né". O Cine Teatro Pax se tornou um espaço cultural acessível, com diversas atividades culturais que não se restringia apenas a exibição cinematográfica.

O público que frequentava o Cine Teatro Pax, "(...) nos primeiros dias era só da paróquia que tinha aqui, mas quando começava o movimento ele via que o filme era bom, vinha da cidade inteira." (Airton Túlio, 2024). Mas, em razão da redução de horário disponível dos ônibus do transporte público o "(...) pessoal de longe não vinham sábado e domingo porque enchia, (...), vinham mais na segunda na terça, porque no domingo só se fosse cedo. (...) então era menor o número de ônibus no domingo" (Antônio Túllio, 2024). Caso contrário, teriam que voltar caminhando para as suas residências.

O Frei Elias, capelão e pároco da Igreja São Cristóvão, utilizou o Cine Teatro Pax, para incentivar os jovens e crianças a participarem assiduamente das aulas de catequese e das missas, ou seja, o público infantojuvenil também aproveitava as exibições cinematográficas. Percebe-se que se trata de uma maneira, ou melhor dizendo, de um projeto para fortalecer a fé católica ao utilizar-se do Cine Teatro Pax para atingir o objetivo da evangelização.

> (...) ele incentivava a juventude, tinha o pessoal da catequese, que frequentava a catequese, ele dava um vale se vinha todas as missas no domingo ele tinha direito de ganhar um vale que dava ingresso no matine. Só em matine, a criançada ele não dava pra noite, não dava pra noite de jeito nenhum, mas nos matine, matinada, ele fazia sessão pra crianças, ia na catequese, depois ia toda criançada em sessão especial, a tarde antes da sessão da noite, fazia sessão pra crianças, só pra criança tudo de graça. (Antônio Túllio, 2024)

Importante se faz mencionar, que a rotina do cinema alterou o cotidiano dos ferroviários que ajudavam diretamente o Frei Elias a administrar o Cine Teatro Pax. Uma das atividades se refere a divulgação dos filmes, pois além da publicidade nos jornais da cidade, eles tinham a missão de executar a tarefa que era realizada após um dia de labuta nas oficinas

da RVPSC. Antônio Túllio (2024), ao ser indagado esclareceu a maneira como a divulgação era efetuada por eles.

> Tinha uma programação que dai que vou te contar uma coisa. Nós tinha publicidade nas ruas da cidade, nós punhamos placa, só que nós tinhamos que trocar de noite. Nós punha hoje, lá por meia noite, dez e meia onze horas, depois que terminava a sessão, porque já era publicidade do dia de amanhã. Hoje um exemplo, hoje quarta feira era um filme, quinta feira começava outro, e como todos nós trabalhava, nós tinha que trocar as placas de noite. Em toda cidade, nas principais esquinas da cidade pra entrar, fazer uma publicidade, fora o jornal o rádio na época, ele já veio com tudo, mas principalmente essas placa na cidade, nós sabendo porque o pessoal parava pra ver que filme que era pra dai vir pro bairro. (Antônio Túllio, 2024)

O fato do Cine Teatro Pax, ser administrado por Frei Elias e pelo IOTFFPC, não restringiu a escolha de filmes para a exibição, em um primeiro momento, pode se pensar que a sua programção se limitava a filmes ligados a religião, a igreja católica e sua ideologia. Porém, isto não acontecia, a escolha dos filmes, ou melhor dizendo, a programação se baseava nas produções cinematográficas disponíveis no mercado, e acompanhava em paralelo aquilo oferecido pelos demais cinemas da cidade. No entanto, todos eram aprovados ou não pelo Frei Elias, ou seja, o religioso verificava o conteúdo do filme e qual era a idade indicada para a censura da produção cinematográfica.

> Veja, ele tinha um certo pudor não podia trazer filme pornográfico, claro nem podia, cinema de igreja não podia, então a censura pra ele era tudo, a primeira coisa que ele ia ver no certificado do filme o grau de censura, ele fazia nos domingos à noite, ele fazia com censura de doze anos, eu lembro até hoje a censura era doze anos, mas passava pra dezesseis depois dezoito, nunca nuncaaa não entrou a censura doze anos é uma censura de um beijo que era insignificante normal em uma família, mas isso a censura era tudo pra ele tudo, e fazia questão de projetar na tela a censura do filme pa vê que ele estava dentro das normas estabelecidas. (Antônio Túllio, 2023)

O Cine Teatro Pax, um cinema de bairro, com a sua programação definida, com anuncios de exibição de filmes realizados em jornais, programa radiofônico e através de placas espalhadas pelas esquinas da cidade, estava a cada dia se fortalecendo como centro cultural. E como todo bom cinema, não poderia deixar de ter as guloseimas, que eram degustadas antes, durante e após a sessões de filmes, isto se dava através da bomboniere[12] que funcionava no local.

> Dentro do cinema tinha a bomboniere, a melhor bomboniere da cidade por incrível que pareça, era a nossa, bem mais sofisticada, só que ele deu pra uma pessoa em troca de serviço pro próprio cinema. Ele deu o ponto sem cobrar nada do ponto, mas em contrapartida ele cobrava que era a pessoa que fazia publicidade na rua era ele o responsável. Ta vivo ainda até hoje, (...), e ele era dono da bomboniere.

[12] É um tipo de loja, geralmente pequena, onde se vendem doces e outros alimentos. BOMBONIERE. *In*: DICIONÁRIOINFORMAL, Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/bomboniere/>. Acesso em: 05/07/2024.

> (...). Bomboniere era grande, era e é, até hoje. Tinha refrigerante, tinha tudo. (Antônio Túllio, 2024).

Dentro deste contexto, de surgimento, expansão e de expressão como espaço cultural, a administração do Cine Teatro Pax permaneceu com o Frei Elias, e os membros do IOTFFPC, até o dia primeiro de março de 1972. Esta data, tornou-se significativa para a comunidade ferroviária, haja vista que a administração e funcionamento do cinema saiu da alçada do Frei Elias e do IOTFFPC, passando a ser gerido por uma empresa particular. Qual teria sido a motivação?

As fontes encontradas explicam que a diminuição da procura pelas grandes telas, trata-se de um fenômeno histórico e cultural, vinculadas as inovações tecnológicas, em específico a chegada dos televisores nos lares brasileiros. Foi uma mudança de hábito do perfil de consumo dos pontagrosseneses, proporcionado pela comodidade em ter uma televisão e assistir a programação sem sair de casa e nem ter outros custos.

> O cinema esteve presente na história de Ponta Grossa desde 1886, logo após a sua invenção. Nas suas poltronas sentaram-se bisavôs, avôs, pais, filhos, netos gerações inteiras (...) Pelos cinemas viram as duas grandes guerras mundiais, a sucessão papal, a queda de grandes líderes, (...). No entanto, a partir dos anos 60, no Brasil, essa função coube, com maior ênfase, à televisão através de seus noticiários e programas específicos, (...). Cada vez mais a televisão ocupou o espaço que era do cinema, primeiro com os noticiários, depois com os desenhos, seriados e filmes, impulsionados pela velocidade imposta pela TV. (Silva Junior, 2008, p. 148)

O Cine Teatro Pax inserido neste contexto, não escapou da triste realidade. Neste primeiro momento, não se tratou do encerramento de suas atividades, mas do seu arrendamento pela empresa Arco Íris. “Em 1º de março de 1972, dado dificuldade em contratar bons filmes para o Cine Pax, o mesmo foi arrendado à Empresa de Cinemas Arco Íris, proporcionando ao Instituto uma renda, mensal, reajustável anualmente.” (Waldmann, 1980, p. 4).

Na década de 1980, a prefeitura Municipal de Ponta Grossa comprou o Cine Teatro Pax, e no ano de 2006, o doou para a Universidade Estadual de Ponta Grossa. Porém em razão do recorte temporal proposto (1955 à 1972) apenas se menciona esses episódios, em razão de não ser objeto da pesquisa, mas algo a ser explorado em estudos posteriores a nível de pós graduação. Enfim, buscou-se evidenciar que os laboradores dos trilhos, que participaram da edificação do Cine Teatro Pax, tem muito a nos contar e hoje, segundo Antônio Túllio (2023), o que resta é “Só saudade, eu tenho cada história disso aí que você não faz idéia.”

4 Considerações Finais

No percurso desta pesquisa, se procurou investigar os aspectos históricos, culturais e simbólicos que justificam o reconhecimento do Cine Teatro Pax como Patrimônio Cultural do Munícipio de Ponta Grossa, para além da sua materialidade. Com esse objetivo, o bem cultural, foi problematizado a partir de discussões teóricas advindas do conceito de patrimônio cultural, tais como: memória, história e identidade. O recorte temporal do estudo, se fixou entre os anos de 1955 e 1972. O ano de 1955, refere-se à criação do IOTFFPC, por sua vez, o ano de 1972, corresponde a cessão da administração para empresa Arco Íris.

Pois bem, a hipótese para a resolução do problema formulado na pesquisa foi de que, isto aconteceria ao estabelecer-se o diálogo entre história, memória e identidade dos envolvidos na construção e uso do Cine Teatro Pax. Neste sentido, ao definir-se que o imóvel é um patrimônio cultural, deve-se ter presente que ele, como um bem cultural, quando é vivenciado por aqueles que o reconhecem enquanto tal, possibilita a rememoração baseado em três funções: a simbólica, a funcional e a material.

Desta forma, tornou-se possível pensar no diálogo entre a história, a memória e a identidade dessas pessoas com o próprio Cine Teatro Pax. Este diálogo aconteceu, ao se destacar a atuação do seu idealizador, das pessoas que literalmente ajudaram na edificação do prédio e da relação estabelecida com a sociedade que frequentava o local, ou seja, trata-se de um patrimônio com local definido, personagens e acontecimentos.

Ao se visualizar o prédio, o imóvel que abriga o Cine Teatro Pax, a comunidade deve ter presente que, ele representa todos estes personagens, a cultura circulante através dos filmes exibidos, a sociabilidade proporcionada pelo espaço e o seu processo de edificação relacionado com o desenvolvimento, crescimento e transformação de Ponta Grossa, em específico, da Vila dos Ferroviários.

O Cine Teatro Pax, não se resume apenas a pedra e cal, trata-se de um imóvel com valor simbólico, e isto comprova-se pela significação que este bem cultural tem para a comunidade local, o que se confirmou através das entrevistas semiestruturadas com os ferroviários aposentados que participaram ativamente da construção do imóvel e do seu funcionamento. Isto pode ser verificado, através do convite de inauguração do Cinema que após sessenta anos é guardado com carinho por Antônio Túllio, ou seja, trata-se de um patrimônio cultural que possui história, memória e identidade.

Nas entrevistas verificou-se que a participação da comunidade ferroviária através do Frei Elias, do IOTFFPC e dos dirigentes da RVPSC foi primordial para que a edificação se

concretizasse. Por isso, pode-se afirmar que o Cine Teatro Pax, antes do ato oficial de tombamento que o considerou um patrimônio cultural do município de Ponta Grossa, pelo COMPAC, já era considerado como pelos moradores da Vila Ferroviária, haja vista, que eles ajudaram na sua construção e usufruíram dele.

Atualmente o Cine Teatro Pax, não cumpre o objetivo inicial proposto pelo IOTFFPC, que era o de um cinema e teatro educativo, no entanto, não há como desvencilhar a sua existência da história, memória e identidade dos trabalhadores da estrada de ferro e do próprio processo de construção histórica de Ponta Grossa. Neste sentido, o diálogo entre história, memória e identidade aconteceu, de maneira especial, verificado através da História Oral.

Por conseguinte, a hipótese proposta para responder o problema da pesquisa se confirmou constatando-se que o monumento, a construção em si, não se trata de simples aspecto material que ocupa um determinado espaço geográfico. Ele carrega consigo aspectos simbólicos, funcionais e materiais de um grupo que participou ativamente da sua edificação, especificamente, trata-se dos funcionários da Rede Viação Paraná - Santa Catarina e seus familiares, membros estes que tinham seus interesses e propósitos representados pelo Instituto da Ordem Terceira Franciscana dos Ferroviários Paranaenses e Catarinenses (IOTFFPC).

Com o desenrolar da pesquisa, se constatou que o tema patrimônio cultural, possibilita ao pesquisador o entendimento do contexto histórico, social e cultural do objeto de estudo, relacionando-o com a História Local. Assim sendo, o estudo sobre o Cine Teatro Pax, cumpriu esse objetivo, ou seja, o de tornar palpável a realidade do processo histórico, social e cultural da sua edificação.

Pensando neste contexto, para o desenvolvimento de estudos posteriores, acredita-se que ampliando-se o recorte temporal, haverá a possibilidade de expandir-se a rede de informantes através da técnica metodológica “snowball” ou bola de neve. Por fim, desta maneira abre-se um leque de temas a serem exploradas, isto a partir do próprio “mundo do trabalho” dos laboradores dos trilhos, como a escolarização, a religião, os momentos de lazer, e até mesmo novas questões culturais afetas ao Bairro de Oficinas.

4 FONTES

1. Entrevista semiestruturada

Túllio, Nelson Antônio. Entrevista [jan. 23,]. Entrevistador: Luciano Justino. Ponta Grossa: Residência de Nelson Antônio Túllio. Ferramenta para gravação de áudio disponível em aparelho celular.

Túllio, Nelson Antônio. Entrevista [jul. 24]. Entrevistador: Luciano Justino. Ponta Grossa: Residência de Nelson Antônio Túllio. Ferramenta para gravação de áudio disponível em aparelho celular.

Túllio, Nelson Antônio. Entrevista [set. 24]. Entrevistador: Luciano Justino. Ponta Grossa: Residência de Nelson Antônio Túllio. Ferramenta para gravação de áudio disponível em aparelho celular.

Túlio, Sebastião Airton. Entrevista [ago. 24]. Entrevistador: Luciano Justino. Ponta Grossa: Residência de Sebastião Airton Tílio, 2024. Ferramenta para gravação de áudio disponível em aparelho celular.

2. Fonte Manuscrita

a. Instituto de Obras Assistenciais da Ordem Terceira Franciscana dos Ferroviários Paranaenses e Catarinenses. Livro de Atas do ano de 1955 a 1980. Acervo: Casa da Memória Paraná.

b. Esboço do projeto social e educacional do Instituto da Ordem Terceira Franciscana dos Ferroviários Paranaenses (1955). Acervo da Escola Estadual Jesus Divino Operário.

3. Jornais

Jornal Diário dos Campos. Ponta Grossa tem mais um cinema: Pax inaugurado. Ponta Grossa, Jornal Diário dos Campos, p. 5, 13 de setembro de 1964. Acervo Museu Campos Gerais.

Jornal da Manhã. Cine “Pax” terá ar condicionado. Ponta Grossa, Jornal da Manhã, p. 2, 23 de set. 1964. Acervo: Casa da Memória Paraná.

REFERÊNCIAS

A Capelania da R.V.P.S.C. **Sete anos de atividade**. Ponta Grossa: Gráfica Ideal, 1961.

Alberti, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. ed. 2. São Paulo: Contexto, 2021, p. 155-202.

Aranha, M. L. de Arruda; Martins, M. H. Pires. **Filosofando:** Introdução à Filosofia. 2 ed. São Paulo: Scipione, 1993.

Barros, José D'Assunção. **História Cultural**: um panorama teórico e historiográfico. *T.E.X.T.O.S DE H.I.S.T.Ó.R.I.A. Revista Do Programa De Pós-graduação Em História Da UnB.*, 2003, 145–172.

Barros, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em história**: da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis: Vozes, 2015.

Burke, Peter. **O que é história cultural.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Burke, Peter. ***A escrita da história: novas perspectivas*** (org.). Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

Bloch, Marc. **Apologia da História ou ofício do historiador.** Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

Candau, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

Caregnato Rita Catalina Aquino, Mutti Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto Enfermagem**, vol. 15, núm. 4, outubro-dezembro, 2006, pp. 679-684 Universidade Federal de Santa Catarina Santa Catarina, Brasil.

Chaves, Niltonci Batista. **A cidade civilizada**: discursos e representações sociais no jornal Diário dos Campos, na década de 1930. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001.

Cuche, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

Funari, Pedro Paulo; Pelegrini, Sandra C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

Gonçalves, Márcia de Almeida. História local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. In: Monteiro, Ana Maria F. C.; Gasparello, Arlette Medeiros; Magalhães, Marcelo de Souza (orgs.). **Ensino de história:** sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

Guedes, E. C; Pasquini, A. Salvaterra. Frei Elias Zulian: educação e missão na região de Ponta Grossa, PR (1952-1976). Roteiro [S. l.], v. 44, n. 2, p. 1-18, 2019. DOI: 10.18593/r.v44i2.19740. Disponível em < https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view > Acesso em: 20 jan. 2024.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Patrimônio Imaterial.** Disponível em < http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234> Acesso em 10 fev. 24.

Johansen, Elizabeth. **A devoção ao divino, os devotos e a Casa do Divino**: a instituição de um patrimônio cultural em Ponta Grossa, 1882-2019. 2019.Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019. Disponível em <http://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/2835> Acesso em 10 de julho de 2024.

Silva Junior, Nelson. **O fechamento dos cinemas em Ponta Grossa**: particularidades de um processo histórico-cultural. 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Direito e Cidadania) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008. Disponível em <http://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/267> Acesso em 5 de maio de 2024.
Kossoy, Bóris. **Fotografia & História**. ed. 2. São Paulo, Ateliê Editorial, 2001.

Khoury, Yara Maria Aun; Peixoto, Maria do Rosário da Cunha; Vieira, Maria do Pilar de Araújo. **A pesquisa em História**. ed. 4. São Paulo, Ática, 2003.

Laraia, Roque de Barros, **Cultura:** um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar" Editora, 1986.

Larocca Junior, Joel. **Habitação social em madeira**: VILA FERROVIÁRIA EM PONTA GROSSA (1956). Disponível em <https://revistas.uepg.br/index.php/ret/issue/view/594> Acesso em 10 de jun. 24.

Le Goff, Jacques. **História e Memória.** 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

Madalozzo, Nisiane. **Memória Social e Cidade Contemporânea**: O Velho Centro Ferroviário de Ponta Grossa – PR. 215.226 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território: Sociedade e Natureza) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015. Disponível em <http;//tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/571> Aceso em 6 de junho de 2024.

Meneses, Ulpiano Toledo Bezerra. (1992). **A História, Cativa da Memória? Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais**. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, (34), 9-23. https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i34p9-23

Meneses, U.T.B. (2009). **O campo do patrimônio cultural**: Uma revisão de premissas. Disponível em < https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2451674&forceview=1> Acesso em 5 de abril de 2024.

Mikaelli, Aldo. **Transformações de uma Cidade**: Ponta Grosa-185 anos. Ponta Grossa: Editora Gráfica Planeta Ltda., 2008.

Monastirsky, Leonel Brizolla. **Cidade e Ferrovia:** A mitificação do pátio central da RFFSA em Ponta Grossa. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal de Santa Catarina. 1997. Disponível em < https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/111954> Acesso em 10 de maio de 2024.

Monastirsky, Leonel Brizolla. Conceitos de cultura, patrimônio cultural e memória social; Patrimônio cultural e a organização do espaço urbano. Curso livre Patrimônio Cultural em

Ponta Grossa: Elementos, Características e Políticas Públicas, Ponta Grossa, 17 jun.-15 jul. 2023.

Mottta, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. In: Cardoso; Vainfas. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

Nora, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História,** São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

Pesavento, Sandra J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Petuba, Rosangela M. S.. **Na trama dos trilhos**: Cidade, Ferrovia e Trabalho. 2011. 238 f. (Doutorado em História Cultural) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianóplis, 2011. Disponível em <http://.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95931>Acesso em 12 d emarço de 2024.

Petuba, R. M. S. Memória, história e historigrafia na construção de uma cidade encruzilhada (Ponta Grossa-PR, 1890-1964). **Revista de História Regional**, *[S. l.]*, v. 28, 2023. DOI: 10.5212/Rev.Hist.Reg.v.28.21723. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/21723. Acesso em: 14 set. 2024.

Pollak, Michael. Memória e identidade social. *In*: **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, n. 10, p. 200-212, 1992.

Prost, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. ed. 2. Belo Horizonte, Autêntica, 2009.

Thompson, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**, Volume I "A árvore da liberdade". Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987b.

Samuel, Raphael. História local e história oral. Revista Brasileira de História. São Paulo. Vol. 9, nº 19, pp. 219-243, 1990. Disponível em < https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/393> Acesso em 5 de janeiro de 2024.

Zulian, Rosângela Wosiack. **"A semente de uma grande cidade**": uma leitura dos discursos construídos sobre a fundação da cidade de Ponta Grossa (PR). Revista de História Regional 14(2): 104-126, Inverno, 2009.

Zulian, Rosângela Wosiack. **Uma experiência de cristianização do mundo do trabalho**: Frei Elias Zulian e os ferroviários (1950-1976). In: BOSI, Antonio de Padua; SOUZA, Aparecida Darc; MORAIS, Sérgio Paulo. (Org.). E.P. Thompson: história, educação e presença. São Paulo (SP): Edições Verona, 2018, v., p. 01-319.

Vinuto, Juliana. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa:** um debate aberto. Temáticas, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI: 10.20396/temáticas. v22i44.10977. Disponível em< <https://econtents.unicamp.br.> Acesso em: 1 dez. 2023.

Waldmann, Isolde Maria. **História do Bairro de Oficinas**. Ponta Grossa: Gráfica Planeta, 2020.

Waldmann, Isolde Maria. **Relato da comemoração do jubileu de prata da Ordem Terceira Franciscana e do Instituto das Obras Assistenciais, em 1º de maio de 1980**. Disponível na Casa da Memória Paraná.

APÊNDICES

APÊNDICE A – RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS

Identificação das pessoas selecionadas para as entrevistas semiestruturadas gravadas conforme critérios apresentados na Metodologia.

Entrevistado 1 – Nelson Antônio Túllio, 86 anos, ferroviário aposentado. Entrevistas realizadas nos seguintes dias: 27 de janeiro de 2023, 4 de julho e 4 de setembro de 2024.

Entrevistado 3 – Sebastião Airton Túlio, 88 anos, ferroviário aposentado. Entrevista realizada em 28 de agosto de 2024.

APÊNDICE B – QUESTÕES DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS GRAVADAS

Questões feitas a Nelson Antônio Túllio

Nome completo: Nelson Antônio Túllio
Nome do pesquisador: Luciano Justino
Data da entrevista: 27 de janeiro de 2023
Local da entrevista: Residência do Entrevistado

1. Conte-me, quem é o senhor Nelson Túllio.
2. Quem foi Frei Elias Zulian conhecido como Frei Elias Capuchinho?
3. Descreva-me como aconteceu a construção do Cine Teatro Pax, dentro do grandioso projeto educacional do Frei Elias.
4. Sendo administrado pela Ordem Terceira Franciscana a religião influenciava na programação dos filmes exibidos?
5. No início da década de 190 o Cine Pax é arrendado pela empresa Arco Íris, explique-me qual teria sido a motivação.
6. Na década de 1980, na administração do prefeito Zuk, o Cine Teatro Pax foi comprado pela Prefeitura de Ponta Grossa, o espaço continuou servindo ao propósito de exibição de filmes?
7. No ano de 2006 a Prefeitura de Ponta Grossa por meio de doação repassou para a UEPG o Cine Teatro Pax, o senhor tem conhecimento de como ocorreu a tratativa?
8. Conte-me, qual o significado o Cine Pax tem para a Vila dos Ferroviários.

Questões feitas a Nelson Antônio Túllio
Data da entrevista: 4 de julho de 2024
Local da entrevista: Residência do Entrevistado

1. Conte-me, quem é o senhor Nelson Antônio Túllio.
2. O senhor conheceu o Frei Elias Zulian? Ele era conhecido por outro nome ou apelido? Qual a relação do Frei Elias Zulian com o Cine Teatro Pax?
3. O senhor lembra como se deu a construção do Cine teatro Pax? Quem foram as pessoas que ajudaram na construção do imóvel? Quem contribuiu financeiramente para a construção do cinema?
4. Sendo administrado pela Ordem Terceira Franciscana a religião influenciava na programação dos filmes exibidos?
5. Que tipo de público ia nas sessões?
6. Quais os dias e horários das sessões?
7. Tinha algum tipo de incentivo ou publicidade no bairro/igreja para as pessoas irem às sessões de cinema? Comida e bebida?
8. O que significava para o morador da Vila Ferroviária ter um cinema tão perto de casa?
9. O senhor observou algum tipo de mudança após o arrendamento do Cine Pax no início dos anos de 1970?
10. Ocorreu algum tipo de mudança na programação dos filmes após o arrendamento?
11. Ocorreu algum tipo de mudança de público que ia nas sessões após o arrendamento?
12. Qual o significado que o Cine Pax tem para o senhor?
13. O senhor sabe relatar se próximo antes da construção da Escola Jesus Divino Operário havia alguma escola na Vila?
14. E com relação a igrejas havia alguma na Vila?

Questões feitas a Sebastião Airton Túlio

Nome completo: Sebastião Airton Túlio
Data da entrevista: 28 de agosto de 2024
Local da entrevista: Residência do Entrevistado

1. Conte-me, quem é o senhor Sebastião Airton Túllio.
2. O senhor conheceu o Frei Elias Zulian? Ele era conhecido por outro nome ou apelido? Qual a relação do Frei Elias Zulian com o Cine Teatro Pax?
3. O senhor lembra como se deu a construção do Cine teatro Pax? Quem foram as pessoas que ajudaram na construção do imóvel? Quem contribuiu financeiramente para a construção do cinema?
4. Sendo administrado pela Ordem Terceira Franciscana a religião influenciava na programação dos filmes exibidos?
5. Que tipo de público comparecia às sessões?
6. Quais os dias e horários das sessões?
7. Tinha algum tipo de incentivo ou publicidade no bairro/igreja para as pessoas irem às sessões de cinema? Comida e bebida?
8. O que significava para o morador da Vila Ferroviária ter um cinema tão perto de casa?
9. Qual o significado que o Cine Pax tem para o senhor?
10. O senhor sabe relatar se próximo a Vila Ferroviária, antes da construção da Escola Jesus Divino Operário havia alguma instituição de ensino nas proximidades?
11. E com relação a igrejas, havia alguma na Vila?
12. O senhor tem conhecimento de algum ferroviário que vivenciou a construção do Cine Teatro Pax e possa contribuir com o trabalho?

Questões feitas a Nelson Antônio Túllio

Nome completo: Nelson Antônio Túllio
Data da entrevista: 4 de setembro de 2024
Local da entrevista: Residência do Entrevistado

1. A foto apresentada está relacionada com a história da Vila Ferroviária ou com a construção do Cine Teatro Pax?

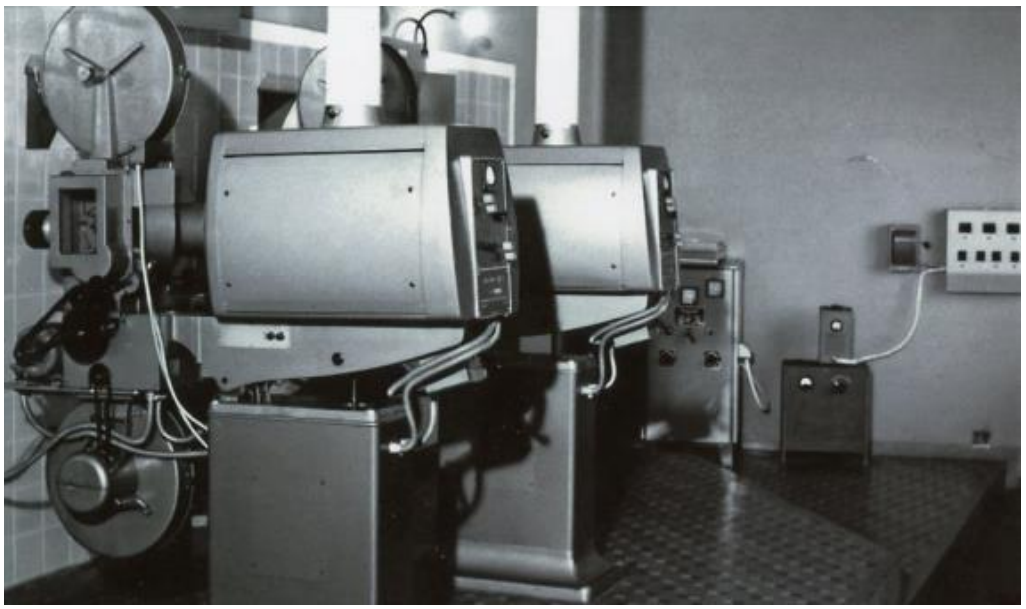
APÊNDICE C – PAINEL DE FOTOS APRESENTADAS AO ENTREVISTADO: NELSON ANTÔNIO TÚLLIO

Foto1



Fonte – Acervo Museu Cenas.

Foto 2



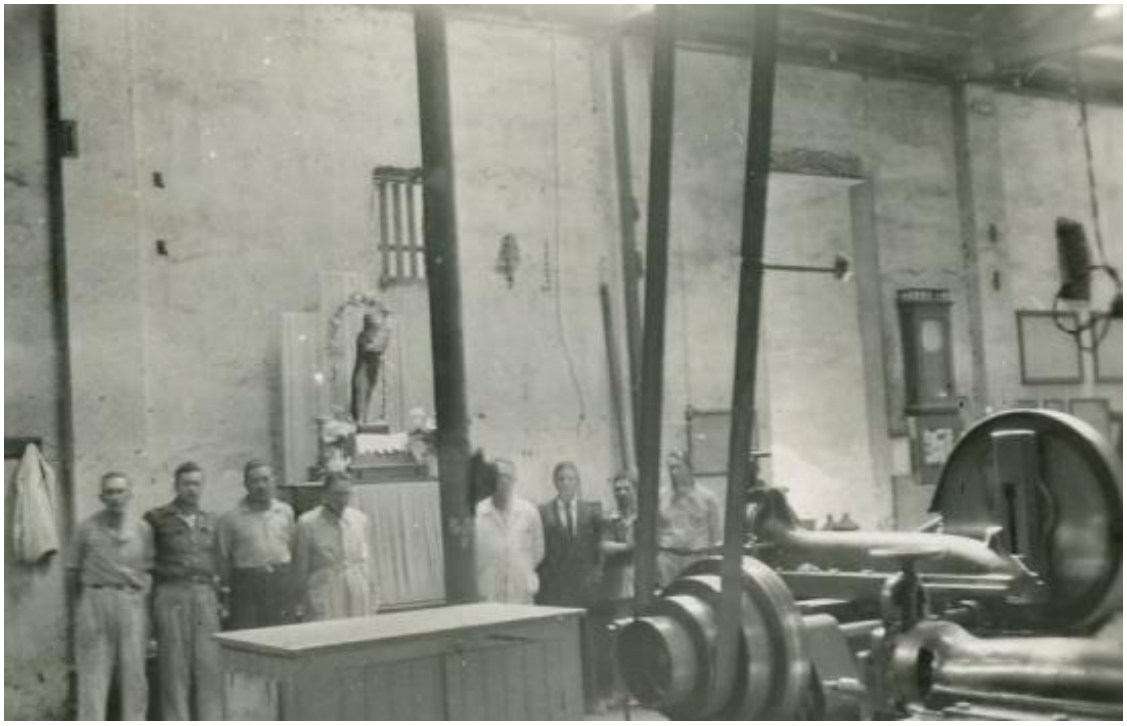
Fonte – Acervo da Paróquia São Cristóvão, sem data.

Foto 3



Fonte – Museu Campos Gerais, ano 1907.

Foto 4



Fonte – Acervo Museu Cenas.

Foto 5



Fonte – Acervo Museu Cenas.

Foto 6



Fonte – Acervo pessoal Sebastião Airton Túlio.